



ACADEMIA MILITAR

Direcção de Ensino

Mestrado em Ciências Militares - Especialidade Infantaria

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

O Treino Físico na Academia Militar e o perfil de competências do Oficial de Infantaria

AUTOR: Aspirante INF João André Moio Pereira

ORIENTADOR: Major INF Lopes Marques

LISBOA, AGOSTO DE 2010



ACADEMIA MILITAR

Direcção de Ensino

Mestrado em Ciências Militares - Especialidade Infantaria

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

O Treino Físico na Academia Militar e o perfil de competências do Oficial de Infantaria

AUTOR: Aspirante INF João André Moio Pereira

ORIENTADOR: Major INF Lopes Marques

LISBOA, AGOSTO DE 2010

DEDICATÓRIA

Aos meus Pais, Irmã e Namorada
pelo apoio que me prestaram

AGRADECIMENTOS

Embora a realização do Trabalho de Investigação Aplicada seja uma tarefa individual, acaba por ter implicações na vida de várias pessoas. Deste modo, quero agradecer a todos os que contribuíram directa e indirectamente para a elaboração deste trabalho.

Não atribuindo maior ou menor relevância pela ordem de agradecimentos, gostaria de agradecer ao orientador deste trabalho, Major de Infantaria Lopes Marques, por toda a dedicação, apoio e constante acompanhamento, sem o qual não seria possível ultrapassar as dificuldades que surgiram na realização deste trabalho.

Ao Senhor Coronel de Infantaria Praça, pela disponibilidade e partilha de conhecimentos, que foram um importante incentivo para que este trabalho fosse concluído. De facto, gostaria de destacar os seus imensos conhecimentos, que se revelaram fundamentais.

Ao Director de Curso do Tirocínio para Oficial de Infantaria, o Capitão de Infantaria Bruno Mendes, pela forma como sempre nos acompanhou e pela preocupação demonstrada durante todo o tirocínio.

Ao Tenente de Infantaria António Monteiro, ao Tenente de Infantaria Carlos Oliveira, ao Tenente de Infantaria Luís Monteiro, ao Tenente de Infantaria António Coutinho, ao Tenente de Infantaria Hélio Silva, ao Tenente de Infantaria Hugo Brigas e ao Tenente de Infantaria Daniel Gomes por me terem concedido as entrevistas e por me terem fornecido todas as informações que lhes solicitei.

Ao Tenente de Infantaria Paulo Miranda por me ter concedido a entrevista e por ter sido o meu intermediário com o Batalhão Português no Kosovo, e pelo incansável apoio e dedicação demonstrados não só durante a realização deste trabalho, mas também durante todo o curso.

Ao Tenente de Infantaria David Gonçalves pelo apoio e disponibilidade demonstrada durante a elaboração deste trabalho.

Aos meus camaradas, pela camaradagem demonstrada nos momentos mais difíceis durante todo o curso.

À Senhora Professora Olga Rocha pela disponibilidade e apoio na revisão da expressão escrita deste trabalho de investigação.

Aos amigos de sempre e à minha namorada pelo apoio e por todos os momentos proporcionados durante a realização do trabalho de investigação, e durante todo o curso.

Finalmente, quero agradecer à minha família, em especial aos meus pais e irmã, pelo incansável apoio e dedicação que sempre me proporcionaram, não só durante a realização deste trabalho, mas também durante todas as etapas da minha vida.

A todos, pela força e coragem que me incutiram e pela enorme compreensão, o meu mais sincero obrigado.

ÍNDICE GERAL

| | |
|--|-----------|
| DEDICATÓRIA..... | I |
| AGRADECIMENTOS..... | II |
| ÍNDICE GERAL..... | IV |
| ÍNDICE DE FIGURAS..... | VI |
| ÍNDICE DE QUADROS..... | VII |
| LISTA DE SIGLAS..... | VIII |
| RESUMO..... | IX |
| ABSTRACT..... | X |
| | |
| INTRODUÇÃO | 1 |
| ENQUADRAMENTO E JUSTIFICAÇÃO DO TEMA..... | 1 |
| QUESTÃO FUNDAMENTAL, OBJECTIVOS E HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO..... | 2 |
| METODOLOGIA..... | 3 |
| ESTRUTURA DO TRABALHO E SÍNTESE DOS CAPÍTULOS | 4 |
| PARTE I – REVISÃO DA LITERATURA | 5 |
| CAPÍTULO 1 - O TREINO FÍSICO NA ACADEMIA MILITAR..... | 5 |
| 1.1 A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO TREINO FÍSICO NA ACADEMIA MILITAR..... | 5 |
| 1.2 OBJECTIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS | 7 |
| 3.3 METODOLOGIA DO TREINO FÍSICO NA ACADEMIA MILITAR | 8 |
| CAPÍTULO 2 - FORMAÇÃO EM INFANTARIA..... | 10 |
| 2.1 A INFANTARIA..... | 10 |
| 2.2 A FORMAÇÃO NA ACADEMIA MILITAR | 11 |
| 2.3 O TIROCÍNIO PARA OFICIAL DE INFANTARIA..... | 12 |
| CAPÍTULO 3 - CONCEITO E TEORIA..... | 14 |
| 3.1 GÉNESE E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE COMPETÊNCIA | 14 |
| 3.2 CONCEITO DE COMPETÊNCIA..... | 16 |
| 3.3 MODELOS DE COMPETÊNCIAS | 17 |
| CAPÍTULO 4 - A COMPETÊNCIA FÍSICA..... | 19 |

| | |
|--|---------------|
| 4.1 CONCEITO DE COMPETÊNCIA FÍSICA..... | 19 |
| 4.2 AS CAPACIDADES FÍSICAS | 19 |
| 4.3 AS CAPACIDADES TÉCNICAS | 20 |
| 4.4 AS CAPACIDADES PSICOLÓGICAS | 21 |
| PARTE II – TRABALHO DE CAMPO..... | 22 |
| CAPÍTULO 5 - METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS | 22 |
| 5.1 MÉTODO DE ABORDAGEM..... | 22 |
| 5.2 PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS..... | 23 |
| 5.3 ENTREVISTAS | 23 |
| 5.4 MEIOS UTILIZADOS | 25 |
| CAPÍTULO 6 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 26 |
| 6.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS | 26 |
| CAPÍTULO 7 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES..... | 36 |
| 6.1 VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES | 36 |
| 6.2 CONCLUSÕES FINAIS..... | 38 |
| 6.3 RECOMENDAÇÕES..... | 38 |
| 6.4 LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO | 39 |
| 6.5 INVESTIGAÇÕES FUTURAS..... | 39 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 40 |
| APÊNDICES..... | 1 - A |
| APÊNDICE A - GUIÃO DAS ENTREVISTAS..... | 2 - A |
| APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS | 5 - A |
| ANEXOS | 26 - A |
| ANEXO A - MODELO DE COMPETÊNCIAS | 27 - A |
| ANEXO B - EXCERTO DO ANEXO B AO PLANO DE FORMAÇÃO MILITAR | 28 - A |

ÍNDICE DE FIGURAS

CAPÍTULO 1 - CONCEITO E TEORIA

| | |
|---|---|
| Figura F.1: Representação do Modelo de Competências proposto para o Exército Português..... | 9 |
|---|---|

ANEXO A - MODELO DE COMPETÊNCIAS

| | |
|---|--------|
| Figura F.2: “Analogia do Iceberg” de Spencer & Spencer..... | 27 - A |
|---|--------|

ÍNDICE DE QUADROS

CAPÍTULO 5 – METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

| | |
|--|----|
| Quadro 1: Caracterização da amostra..... | 24 |
|--|----|

CAPÍTULO 6 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

| | |
|--|----|
| Quadro 2: Análise de resultados da questão nº1..... | 26 |
| Quadro 3: Análise de resultados da questão nº2..... | 27 |
| Quadro 4: Análise de resultados da questão nº3..... | 29 |
| Quadro 5: Análise de resultados da questão nº4..... | 30 |
| Quadro 6: Análise de resultados da questão nº5..... | 31 |
| Quadro 7: Análise de resultados da questão nº6..... | 32 |
| Quadro 8: Análise de resultados da questão nº7..... | 32 |
| Quadro 9: Análise de resultados da questão nº8..... | 34 |
| Quadro 10: Análise de resultados da questão nº9..... | 34 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|---------------|---|
| AM: | Academia Militar |
| BIMec | Batalhão de Infantaria Mecanizada |
| BIPara | Batalhão de Infantaria Páraquedista |
| CEME: | Chefe de Estado-Maior do Exército |
| CMEFD: | Centro Militar de Educação Física e Desportos |
| CPAE | Centro de Psicologia Aplicada do Exército |
| CRC | <i>Crowd Riot Control</i> – Controlo de Tumultos |
| CTC | Centro de Tropas Comandos |
| CTOE | Centro de Tropas de Operações Especiais |
| EFM: | Educação Física Militar |
| EMFAR | Estatuto dos Militares das Forças Armadas |
| EPI | Escola Prática de Infantaria |
| FND: | Forças Nacionais Destacadas |
| GAM: | Ginástica de Aplicação Militar |
| GDEFD | Grupo Disciplinar de Educação Física e Desportos |
| GDFGM: | Grupo Disciplinar de Formação Geral Militar |
| GNR: | Guarda Nacional Republicana |
| H | Hipótese |
| PIFM | Plano de Formação Militar |
| RDM | Regulamento de Disciplina Militar |
| REFE | Regulamento de Educação Física do Exército |
| RI10 | Regimento de Infantaria nº10 |
| RI13 | Regimento de Infantaria nº13 |
| RG1: | Regimento de Guarnição nº1 |
| RGSUE | Regulamento Geral dos Serviços nas Unidades do Exército |
| TF: | Treino Físico |
| TFAM: | Treino Físico de Aplicação Militar |
| TFB: | Treino Físico de Base |
| TO | Teatro de Operações |
| TPOI: | Tirocínio para Oficial de Infantaria |

RESUMO

Na vida de qualquer organização, que tenha por missão a formação, é necessário uma constante actualização de matérias e de necessidades formativas, de modo a conferir as competências adequadas às tarefas que os seus formandos irão executar finda a formação. A Academia Militar não é uma excepção, e tem procurado ao longo dos anos acompanhar a evolução, tanto na vertente académica por comparação com outros estabelecimentos de Ensino Superior Universitário, e pelas necessidades do novo espectro de operações militares, como na vertente do Treino Físico, em que tem procurado habilitar os cadetes com competências físicas que lhes garantam um bom desempenho nas futuras missões que lhes possam ser atribuídas. Assim, o presente trabalho encontra-se subordinado ao tema: “O Treino Físico na Academia Militar e o Perfil de Competência do Oficial de Infantaria”.

A realização desta investigação tem em vista a apresentação de um estudo sobre o Treino Físico na Academia Militar e a forma como este desenvolve competências para o futuro Oficial de Infantaria, que lhe garantam um bom desempenho em ambientes operacionais, nomeadamente, nos Teatros de Operações em que Portugal tem tomado parte.

Tendo em vista a recolha de dados, na vertente revisão da literatura, foi desenvolvida uma extensa análise documental. No respeitante à parte prática, foram efectuadas entrevistas a Oficiais subalternos de Infantaria com experiência operacional nos Teatros de Operações do Kosovo e do Afeganistão.

Os resultados evidenciaram que o Treino Físico na Academia Militar desenvolve competências fundamentais ao bom desempenho do Oficial de Infantaria, e muito embora apresente algumas lacunas no desenvolvimento das capacidades que se propõe desenvolver, as mais solicitadas nas actuais missões das Forças Nacionais Destacadas estão a ser desenvolvidas.

Palavras-chave: TREINO FÍSICO, COMPETÊNCIAS, DESEMPENHO.

ABSTRACT

In every organization's life, which the main objective is formation, it is necessary a constant update of the subjects and the formative requests to give the right skills to the job that his students are going to do when their formation is over.

The Military Academy is not an exception, and has been looking through the years to accompany the evolution at the academic formation, comparing itself with other High School University establishments, and by the necessities of the new military operations specter, as well as in physical training, where it is looking to hail cadets with physical skills which assure them a good performance in the future missions that could been give to them. So, this work is subordinate to the subject: "The Physical Training in the Military Academy and the Infantry Officer's Skill Profile".

This investigation is made with the purpose of present a study about the Physical Training in the Military Academy and the way it develops skills for the future Infantry Officer, which assure a good performance in operational environment, such as, Operational Theater which Portugal has took part.

With purpose of collect information, in the literature revision, it was developed an extended documental analysis. At the practice part, it was made interviews to Infantry's Subalterns Officers which have operational experience at the Operational Theaters of Kosovo and Afghanistan.

The results had shown that the Physical Training in the Military Academy develops essential skills for the good performance of Infantry's Officer, and although there are some gaps in the development of capabilities that it is proposed to develop, the capabilities that were more needed in the actual missions of the National Projected Forces are being developed.

Keywords: PHYSICAL TRAINING, SKILLS, PERFORMANCE.

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada surge no âmbito do mestrado em ciências militares com especialidade em Infantaria. Este trabalho constitui um marco importante no percurso dos alunos da Academia Militar, não apenas pelo seu carácter avaliativo, mas também por ser o término de uma longa etapa de formação, que nos prepara para ser Oficiais do Exército.

O tema proposto para este trabalho é: “*O Treino Físico na Academia Militar e o perfil de competências do Oficial de Infantaria*”. Este tema aborda duas áreas bastante importantes, o Treino físico enquanto agente de formação e o perfil de competências do Oficial de Infantaria orientado para as missões que irá desempenhar.

Na presente introdução são apresentados um enquadramento e respectiva fundamentação do tema; posteriormente, é apresentada a questão fundamental, os objectivos e as questões de investigação, bem como as hipóteses. Por fim, é apresentada a metodologia utilizada e uma breve síntese dos capítulos.

ENQUADRAMENTO E JUSTIFICAÇÃO DO TEMA

O TF na AM assume uma panóplia de actividades físicas, com vista ao desenvolvimento de competências essenciais aos futuros oficiais do Exército, contribuindo assim directamente para “*formar os oficiais destinados aos quadros permanentes das armas e serviços do Exército e da Guarda Nacional Republicana*” (Quadro Orgânico da AM, 2007, pág. 2). Sendo assim, a AM, como Estabelecimento Militar de Ensino Superior Universitário, no decorrer da sua missão e ao abrigo do artigo 25º do Título II do EMFAR é obrigada a “*fornecer formação adequada ao pleno exercício das funções e missões que sejam atribuídas a qualquer militar tendo em vista a sua valorização humana e profissional*”.

O Oficial do século XXI deve possuir as competências que lhe permitam exercer todas as funções estabelecidas em quadro orgânico, para o seu posto e arma ou serviço, contribuindo assim para a missão do Exército: “*participar, de forma integrada, na defesa militar da República, nos termos do disposto na Constituição e na lei, sendo fundamentalmente vocacionado para a geração, preparação e sustentação de forças da componente operacional do sistema de forças. Ainda, nos termos do disposto na Constituição e na lei, incumbe também ao Exército Participar nas missões militares*

internacionais necessárias para assegurar os compromissos internacionais do Estado no âmbito militar, incluindo missões humanitárias e de paz assumidas pelas organizações internacionais de que Portugal faça parte.” (Lei Orgânica do Exército, 2009, Artigo 2.º).

“A EFM é constituída por um conjunto de actividades que se encontram inseridas no sistema de Instrução do Exército. São múltiplas as actividades de treino a que os alunos estão sujeitos, assim a EFM, tem em vista contribuir para a preparação física, psíquica, social e cultural dos militares, numa perspectiva global do homem; concorrer para o fortalecimento do moral e torná-los aptos para o desempenho das missões que lhe forem confiadas” (Contramestre, 2005, pág. 5).

O conceito de TF compreende assim toda a actividade física realizada sistematicamente com o objectivo de desenvolver competências físicas, psicológicas e psicomotoras, bem como virtudes essenciais a qualquer militar. Assim, podemos afirmar que o TF é essencial para a formação de qualquer militar, contribuindo para que este se encontre sempre apto para o serviço, como lhe é imposto pelo Capítulo II, Artigo 14.º, ponto nº 2, Alínea e) do RDM: *“Conservar-se pronto e apto, física e intelectualmente, para o serviço...”*.

QUESTÃO FUNDAMENTAL, OBJECTIVOS E HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO

Perante o exposto anteriormente, considera-se importante desenvolver este trabalho de investigação sobre as competências desenvolvidas pelo Treino Físico para o Futuro Oficial de Infantaria, cuja questão de partida é:

De que forma o Treino Físico na Academia Militar contribui para a aquisição de competências necessárias ao futuro Oficial de Infantaria?

Tendo como meta chegar à resposta da pergunta de partida, surgem as questões de investigação, que passo a enunciar:

1. Quais as actuais competências que um Oficial de Infantaria deve possuir no final da sua formação na AM?
2. Quais dessas competências foram desenvolvidas pelo treino físico?
3. Quais as capacidades físicas mais desenvolvidas na AM através do treino físico?
4. Quais as capacidades desenvolvidas no âmbito do TF na AM que foram efectivamente necessárias nas actuais FND, nos diferentes teatros de operações?

Para além da questão de partida e das questões de investigação às quais se pretende responder, foram também definidos objectivos de investigação que se constituem como meta a alcançar ao longo deste trabalho:

1. Definir e perceber o conceito de competência;
2. Conhecer o Perfil de competências do Oficial de Infantaria;
3. Definir e compreender o conceito de competência física;
4. Conhecer e compreender a formação ministrada ao curso de Infantaria na AM;
5. Conhecer as necessidades ao nível da competência física sentidas pelos Oficiais subalternos de Infantaria em missão nas FND, nos diferentes Teatros de Operações.

Para dar resposta à questão de partida e às questões de investigação atrás enunciadas, foram formuladas as seguintes hipóteses (H):

- H1 – O Oficial de Infantaria deve possuir competências cognitivas, competências emocionais, competências físicas, competências ao nível sistémico/organizacional e competências de comando e liderança, emanadas de um conjunto de valores e ética adequados à instituição.
- H2 – A competência desenvolvida pelo TF na AM é a competência física nas suas três vertentes: as capacidades físicas, as capacidades psicológicas e as capacidades técnicas.
- H3 – As capacidades físicas mais desenvolvidas na AM, no âmbito do TF, são a resistência e a força do trem inferior.
- H4 – As capacidades desenvolvidas no âmbito do TF na AM, que foram efectivamente necessárias nas actuais FND, nos diferentes teatros de operações, são as capacidades físicas, ao nível da resistência e as capacidades psicológicas, ao nível da abnegação e do espírito de sacrifício.

METODOLOGIA

A metodologia que se utilizou na elaboração do presente trabalho foi o *Estudo de Caso*. Como tal, foi feita uma revisão de literatura com vista a conhecer a opinião de vários autores sobre os assuntos ligados ao tema, nomeadamente, no que se refere ao conceito de competência e à competência física; foram ainda consultados leis, regulamentos e planos curriculares, com vista a conseguir conhecer e compreender o perfil de competências do Oficial de Infantaria.

Para a realização da segunda parte deste trabalho, a parte prática, recorreu-se a entrevistas com Oficiais subalternos de Infantaria com experiência operacional. No entanto, as conversas informais realizadas com Oficiais de Infantaria peritos na área do TF assumiram

também um papel importante na investigação, uma vez que possibilitaram a aquisição de conhecimentos acerca do tema em causa.

ESTRUTURA DO TRABALHO E SÍNTESE DOS CAPÍTULOS

Este trabalho de investigação aplicado está estruturado em duas partes. Na primeira parte apresenta-se o referencial teórico, que sustenta a segunda parte do trabalho, que é a parte prática. A primeira parte é composta por quatro capítulos, sendo que a segunda parte é composta por três capítulos.

No primeiro capítulo, é feita uma abordagem ao TF na AM, referindo a sua evolução histórica, quais os objectivos que se procuram desenvolver através dele, e qual a metodologia aplicada para os atingir.

No segundo capítulo, apresenta-se a Formação em Infantaria, na qual se apresenta uma definição de Infantaria, e os objectivos e competências a desenvolver durante o período de formação tanto na AM como no TPOI.

No terceiro capítulo, procede-se a uma abordagem teórica do conceito de *Competência*, apresentando a sua génese e evolução, bem como a sua definição utilizada neste trabalho; é ainda apresentada a sua aplicação em Modelos de Competências.

No quarto capítulo, é elaborada uma abordagem ao conceito de Competência Física nas suas três vertentes, as capacidades físicas, as capacidades técnicas e as capacidades psicológicas.

No quinto capítulo, estabelece-se a metodologia adoptada para a execução da parte prática deste trabalho, ou seja, como se recolheram os dados, o porquê desse tipo de recolha e como se vai efectuar o tratamento dos dados.

No sexto capítulo, são apresentados os dados recolhidos, sendo feita a sua análise e discussão.

No sétimo capítulo, apresentam-se as conclusões obtidas com a realização deste trabalho, as recomendações que se acham convenientes, bem como as limitações que surgiram durante a concepção deste trabalho e as propostas para investigações futuras.

PARTE I – REVISÃO DA LITERATURA

CAPÍTULO 1

O TREINO FÍSICO NA ACADEMIA MILITAR

No presente capítulo vai ser apresentada uma resenha histórica da evolução do TF na AM, bem como o seu estado actual, englobando tanto os objectivos que se pretendem alcançar através dele, como a metodologia de treino com que se procura na AM atingir esses mesmos objectivos.

1.1 A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO TREINO FÍSICO NA ACADEMIA MILITAR

“Historicamente o Treino Físico está directamente ligado à formação dos nossos chefes militares e consequentemente à formação do nosso País.” (Praça, 2010). Pois *“embora a história da Academia Militar se tenha iniciado há mais de dois séculos, a formação dos nossos chefes militares foi-se fazendo ao longo dos séculos desde 1143.”* (Praça, 2010). Remetendo a esta data, teremos de ir ao encontro da definição de TF para o encontrar, tendo por isso de considerar que *“toda a arte de manejar a espada, e de montar a cavalo, expressa nas competições e nos momentos lúdicos, como sendo Treino Físico que se praticava na altura.”* (Praça, 2010). Deste modo, não é de estranhar que, aquando da criação da AM, em 1875, o TF se resumisse à esgrima e à equitação, sendo posteriormente, em 1894, já na Escola do Exército, incluída a ginástica de Ling¹ no TF, e pouco tempo depois, embora com grandes limitações, a GAM (Praça, 2010).

Em 1927, começou a sentir-se a necessidade de um TF cada vez mais adaptado às operações desenvolvidas, de forma a obter um melhor desempenho dos homens: *“os exercícios são indispensáveis para dar ao indivíduo o treino conveniente para realizar*

¹ Pehr Henrik Ling foi um médico fisioterapeuta sueco, que se fundamentou nas técnicas aprendidas, incluindo as da medicina tradicional, para elaborar um sistema gínico dividido em quatro partes: pedagógico, médico, militar e estético (Adaptado de Nova Enciclopédia Larousse, vol. 14)

determinados trabalhos com o mínimo de fadiga. Particularmente para que a infantaria possa, nas condições mais vantajosas, despende a energia que lhe é pedida nos campos de batalha, importa que os homens se encontrem, não só nas melhores condições morais, mas fisicamente repousados e restaurados,” (Godinho, 1927, pág. 277). Embora já com esta percepção, quatro anos mais tarde “em Portugal dá-se o caso interessante de a ginástica do cavalo ser corrente e a dos soldados, dos sargentos e dos próprios oficiais muito pouco praticada...cuja resistência, destreza, flexibilidade, equilíbrio, etc., procuram aumentar por meio de uma ginástica segmentar e sintética, enquanto que não são preparados convenientemente para uma acção semelhante junto dos soldados.” (Oliveira, 1931, pág. 227 e 228).

Só nos anos 50 se registou uma consciencialização de que o TF Militar praticado em Portugal estava com um grave atraso em relação ao restantes países da Europa, como se verificou no estágio realizado em Bosön², em 1954, “A educação física militar em Portugal é, em 1954, uma realidade séria, mas que pede urgente evolução. (...) O treino físico militar apresenta, entre nós, lacuna grave, que é necessário preencher com urgência.” (Pereira, 1954, pág. 11). Verificou-se, dois anos mais tarde, que a instrução de Treino Físico na Escola do Exército (E.E.) se tornou mais diversificada, aparecendo a prática curricular de desportos em que se praticavam “as modalidades de Atletismo, Futebol, Basquetebol, Voleibol e Handebol.” (Anuário da E.E., 1956/1957) e se acrescentou à esgrima a Luta individual.

Em 1950 o Exército dos Estados Unidos da América pagou bem caro o facto de não manter os seus militares fisicamente preparados para a guerra, quando em 5 de Julho desse ano enviaram tropas, que não se encontravam fisicamente preparadas para as exigências da guerra, para a Coreia do Norte. Os primeiros dias foram desastrosos, as bem equipadas tropas americanas, sofreram incontáveis baixas no confronto com as fracamente equipadas, mas bem treinadas tropas Norte Coreanas. Desde esta “cara” lição, os EUA passaram a utilizar o método “*train as you fight*”, preparando assim os seus militares para muito mais do que apenas as provas de aptidão física realizadas semestralmente (FM 21-20, 1998).

Em Portugal só com o início das campanhas ultramarinas em 1961 surgiu a necessidade de um Exército capaz de aguentar os teatros de guerra da altura, dando-se efectivamente o “salto” em termos de TF. Desenvolveu-se “um Manual para instrução do «Combate Corpo a Corpo» subscrito pelo Tenente de Infantaria Snr. Joaquim Chito Rodrigues, instrutor de Esgrima e Luta na Academia.” (Rodrigues, 1961), e procedeu-se à criação de uma pista de obstáculos na sede da AM, para a prática de novos exercícios durante a instrução de GAM, mais adaptados à realidade do teatro de guerra que se vivia.

² Cidade Sueca onde foi realizado um estágio organizado pelo «Conseil International du sport militaire» subordinado ao tema “Treino Físico Militar”, em 1954.

Findas as campanhas ultramarinas em 1974, o TF na AM manteve-se praticamente idêntico, seguindo as normas do REFE em vigor, e evoluindo lentamente, não tendo acompanhado a “explosão” evolutiva do desporto na sociedade civil (Praça, 2010).

Não se tem, pois, constatado a preocupação de uma adaptação aprofundada do TF na formação dos futuros Oficiais do Exército aos novos TO em que Portugal tem intervindo.

1.2 OBJECTIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

O GDEFD, como referido no capítulo anterior, assume a responsabilidade de dar cumprimento ao programa das Unidades Curriculares de EF I, II, III e IV, e tem como objectivos gerais: *“Desenvolver as componentes condicionais e coordenativas; Aplicar um conjunto de exercícios como meio prioritário e operacional de preparação dos alunos, consubstanciando as adaptações físicas, técnicas, tácticas, psicológicas e sociológicas, fundamentais para a consecução dum elevado desempenho das tarefas e funções militares; Criar hábitos saudáveis e estilos de vida activa, desenvolvendo o gosto pela prática física e desportiva”* (PIFM, 2009, anexo B, p. 3).

Para fazer cumprir os seus objectivos gerais, o GDEFD, definiu que a UC EF (I, II, III e IV), compreenderia dois tipos diferentes de TF: o TFB e o TFAM, possuindo cada um os seus objectivos específicos.

Assim o TFB tem como objectivos específicos os seguintes: *“Atingir, através de exercícios próprios, um nível cada vez mais elevado, resultante da adaptação dos alunos às condições que lhe são impostas pela avaliação física e provas desportivas. Pretende-se assim assegurar uma eficiência máxima, com um dispêndio mínimo de energia e uma recuperação rápida como resposta ao esforço; Desenvolver o volume de oxigénio máximo como o pré-requisito mais importante de todo o treino, de forma a obter uma boa base aeróbia para, posteriormente, treinar especificamente os outros metabolismos; Desenvolver a força de resistência de forma a permitir realizar esforços de força em actividade de média e longa duração, resistindo à fadiga e mantendo o funcionamento muscular em níveis elevados; Desenvolver a coordenação motora, a velocidade de reacção e de execução, o controlo espacial e o equilíbrio; Desenvolver o controlo respiratório e as técnicas padrão de deslocação em meio aquático; Desenvolver nos alunos a leitura táctica, a entreaajuda e a cooperação como elementos de uma equipa”* (PIFM, 2009, anexo B, p. 3 e 4).

O TFAM assume os seguintes objectivos específicos: *“Aplicar a repetição lógica, sistemática e organizada dos diversos exercícios que determinam a linha de orientação e a profundidade das adaptações dos alunos à especificidade do desempenho militar, expresso na prestação das capacidades motoras (força, velocidade, resistência e flexibilidade),*

capacidades técnicas (saltar, transpor, correr e nadar equipado, conhecimentos equestres, etc.), e capacidades psicológicas (atenção, concentração, abnegação, emoção, espírito de sacrifício, à vontade e autoconfiança com os solípedes, etc.); Desenvolver a destreza e as técnicas de transposição de obstáculos; Desenvolver e consolidar os princípios orientadores da colocação em sela; Desenvolver as técnicas de deslocação em meio aquático equipado; Desenvolver técnicas específicas de defesa pessoal” (PIFM, 2009, anexo B, p. 4).

3.3 METODOLOGIA DO TREINO FÍSICO NA ACADEMIA MILITAR

Tal como referido no subcapítulo anterior, o TF na AM assume duas vertentes, o TFB e o TFAM.

O TFB consiste numa diversidade de actividades, nomeadamente, corrida contínua, Fartlek³, treino em circuito, ginástica e desportos colectivos, sendo que ginástica é leccionada apenas no primeiro ano, e os desportos colectivos, apenas no segundo ano, englobando as modalidades de andebol, basquetebol, futsal e voleibol. Para obtenção de média positiva a TFB, os alunos são avaliados de acordo com uma fórmula (Anexo Y) onde dão entrada os valores obtidos no teste de cooper, numa prova de abdominais, realizada em dois minutos, numa prova de extensões de braços no solo, apenas no primeiro semestre, e numa prova de flexões de braços na barra, apenas no segundo semestre. No primeiro e segundo anos dão ainda entrada, nessa mesma fórmula, os valores obtidos na corrida de oitenta metros e, especificamente, no primeiro ano, os obtidos em ginástica, que engloba, no primeiro semestre, a execução de diversos elementos gímnicos, nomeadamente, cambalhota à frente, cambalhota à retaguarda, pino de cabeça, apoio facial invertido, roda e rodada, e a subida à corda, e no segundo semestre, a execução de salto entre mãos, salto de carpa, salto em extensão por cima do plinto, salto de peixe, e também a subida de frente na trave e ainda uma pista de destreza, e ainda no segundo ano, os obtidos em desportos colectivos.

Assim, o TFB visa desenvolver a capacidade aeróbia através da corrida contínua, dilatar a capacidade e potência aeróbia, bem como a capacidade anaeróbia e a força de resistência do trem inferior através do Fartlek, ampliar a força de resistência geral através do treino em circuito e aumentar a coordenação motora, a velocidade, a força rápida e a flexibilidade através da ginástica.

³ Fartlek “significa “jogar com a cadência”; com efeito, este método de treino, tal como o concebeu o seu autor, o sueco Gösta Olander, alterna a “corrida de velocidade” com a “corrida lenta” ou a “marcha”, de acordo com um planeamento prévio e aproveitando, tanto quanto possível, a natureza e o perfil do terreno.” (REFE, 2002, cap. 4, p. 107).

O TFAM, vulgarmente conhecido na sociedade castrense como GAM, consiste na realização de pistas de obstáculos, na prática de equitação, de MARCOR⁴, de natação e de desportos de combate, nomeadamente, esgrima, judo, boxe, e combate corpo a corpo. Para obtenção de média positiva a TFAM, os alunos são avaliados de acordo com uma fórmula específica para cada ano de curso (Anexo B). No primeiro ano, são avaliados na execução de uma pista molhada sem arma, no primeiro semestre; na execução da pista de duzentos metros sem arma no segundo semestre; e em ambos os semestres, na esgrima. No segundo ano são avaliados na execução das mesmas pistas realizadas no primeiro ano, mas equipados com arma, e em ambos os semestres a judo. No terceiro ano são avaliados, no primeiro semestre a MARCOR de seis quilómetros, equipados com arma, no segundo semestre, na execução da pista internacional de quinhentos metros sem arma, e em ambos os semestres a combate corpo a corpo, a boxe e a equitação. No quarto ano são avaliados na execução de uma pista de “triatio AM”, que envolve transposição de obstáculos, lançamento de granada e tiro de carabina de ar comprimido; são também avaliados a natação militar, na execução de quinhentos metros livres com partida de bloco, de cem metros vestidos com fato com partida de bloco e da pista de natação utilitária do pentatlo militar, e são ainda avaliados a combate corpo a corpo, na execução de uma pista de obstáculos onde se integram situações para a aplicação de técnicas de combate corpo a corpo.

Desta forma, o TFAM, visa desenvolver: a capacidade e potência aeróbia e anaeróbia láctica, a velocidade, a força em geral e a força de resistência em particular, e ainda o espírito de corpo, o espírito de sacrifício e abnegação, através da execução de pistas de obstáculos e de MARCOR; a capacidade de percepção/interpretação das acções do opositor, a agilidade, a flexibilidade, o domínio de estado emotivo, o espírito de combatividade, a auto-confiança e a coragem, bem como a aquisição de técnicas eficazes para a utilização no combate físico, através dos desportos de combate; a capacidade de resistência em nado seguido e a aquisição e consolidação da técnica no nado vestido, através da natação militar; e a auto-confiança, a coragem, e a decisão por intermédio da equitação.

⁴ MARCOR “compreende a execução alternada de períodos de Marcha e Corrida.” (REFE, 2002, cap. 4, p. 240).

CAPÍTULO 2

FORMAÇÃO EM INFANTARIA

No presente capítulo vai ser explanado o conceito de Infantaria, de que forma, e mediante que objectivos é ministrada formação aos futuros Oficiais desta Arma, tanto na AM como no TPOI.

2.1 A INFANTARIA

A Infantaria caracteriza-se pela sua versatilidade, dado a sua aptidão para combater a pé, em todos os tipos de terreno e sob quaisquer condições climatéricas e meteorológicas, podendo participar em operações anfíbias, aeromóveis e aerotransportadas, uma vez que pode deslocar-se montada em qualquer transporte de que disponha organicamente ou com o qual tenha sido reforçada, podendo ainda combater montada, caso disponha organicamente de viaturas de combate de Infantaria.

“A missão fundamental da Infantaria é o estreitamento do contacto com o inimigo e a destruição ou captura deste, combinando, para o efeito, os fogos, o movimento e a acção de choque.

A Infantaria conquista, mantém ou controla o terreno pela ocupação física e/ou pelo emprego dos fogos. A sua capacidade para se mover em formações pequenas e pouco referenciáveis, em todos os tipos de terreno, permite-lhe tirar partido dos eixos de aproximação cobertos e dos mais pequenos acidentes do terreno para reduzir posições fortes, para se infiltrar na posição inimiga ou para executar patrulhamentos de longo raio de acção. As suas características tornam-na particularmente adequada para combater qualquer tipo de inimigo. “ (RC 130-1 “Operações”, 1987, Cap. 4 – Sec. VII).

Devido às suas características e possibilidades, a Infantaria é a Arma que mais sofre nos empenhamentos, exigindo assim dos seus militares um extremo espírito de sacrifício, perseverança, solidariedade, generosidade, camaradagem, e uma boa condição física que lhes permita suportar todas as fadigas a que poderão ser sujeitos no cumprimento da sua

missão. Assim, é necessário um treino intensivo não só ao nível técnico e tático, como também ao nível físico e psicológico, de forma a habilitar os militares com as competências necessárias a um óptimo desempenho, uma vez que isso poderá fazer a diferença entre a vida e a morte.

2.2 A FORMAÇÃO NA ACADEMIA MILITAR

“A Academia Militar é um estabelecimento de ensino superior público universitário militar que desenvolve actividades de ensino, de investigação e de apoio à comunidade, com a finalidade essencial de formar Oficiais destinados aos quadros permanentes das Armas e Serviços do Exército e da Guarda Nacional Republicana.” (www.academiamilitar.pt, 2010).

De uma forma geral, os cursos ministrados na AM, na sua vertente estritamente académica, são organizados em moldes bastante semelhantes aos dos estabelecimentos de Ensino Superior Universitário, sendo complementados nas áreas de formação comportamental e de instrução e treino, de acordo com as directivas do CEME.

Nos primeiros anos de cada curso é ministrada uma formação científica de base, com o propósito de servir de suporte não só ao desenvolvimento e compreensão das matérias ministradas durante o curso, como também a uma futura aquisição de conhecimentos decorrentes da acelerada evolução do conhecimento, tendo em conta uma valorização profissional permanente, necessária para um bom desempenho das suas futuras funções enquanto oficiais do Exército e da GNR.

“Os Oficiais do Exército e da GNR desenvolvem a sua actividade profissional num cenário cada vez mais internacionalizado, em contexto de Forças Multinacionais no âmbito das novas missões de não guerra, com recurso a novas tecnologias, num ambiente multicultural e num cenário de grande mudança e diversidade. Por outro lado, a sua formação também tem de responder a desempenhos profissionais em ambientes complexos de potencial ou efectivo conflito.” (www.academiamilitar.pt, 2010).

“O Grupo Disciplinar de Formação Geral Militar tem como responsabilidade dar cumprimento ao programa da disciplina de Instrução Militar, tendo como objectivo final promover a integração dos alunos na Instituição Militar, assumindo as atitudes e os comportamentos inerentes à condição militar e desenvolver neles qualidades cívicas, o alto sentido do dever e da honra, o patriotismo e os atributos de carácter indispensáveis ao exercício da função de Oficial do Quadro Permanente do Exército Português e da GNR.” (www.academiamilitar.pt, 2010). O GDFGM procura promover, para cada ano de curso, os seguintes objectivos:

Para o primeiro ano: Sobreviver no campo de batalha; Actuar como elemento de uma Esquadra de Atiradores; Comandar uma Esquadra de Atiradores; Tomar consciência da opção de vida adoptada.

Para o segundo ano: Actuar como elemento de uma Secção de Atiradores; Comandar uma Secção de Atiradores conduzindo no terreno deslocamentos e acções tácticas; Aprofundar e desenvolver a consciência da integração do Aluno na Instituição Militar.

Para o terceiro ano: Actuar como um elemento de uma Patrulha de Reconhecimento e de Segurança; Comandar uma Patrulha de Reconhecimento e de Segurança; Desenvolver e manter a consciência da integração do Aluno na Instituição Militar.

Para o quarto ano: Comandar uma Patrulha de Reconhecimento e de Segurança; Adquirir os conhecimentos de base e treinar a execução de funções técnicas como instrutor e avaliador da instrução; Desenvolver e manter a consciência da integração do Aluno na Instituição Militar (www.academiamilitar.pt, 2010).

O GDEFD assume a responsabilidade de dar cumprimento ao programa das Unidades Curriculares de Educação Física I, II, III e IV, correspondentes, respectivamente, a cada ano de curso da AM.

No último ano de curso, é frequentado o tirocínio para Oficial específico para cada Arma ou Serviço, de carácter eminentemente prático, frequentado nas respectivas Escolas Práticas, sendo este o equivalente ao estágio final de curso para os alunos dos estabelecimentos de ensino superior. Findo o curso da AM, o aluno recebe o Diploma de Mestrado integrado, a Carta de Curso e a Espada de Oficial, como símbolo das funções de comando que institucionalmente lhe são conferidas (Adaptado de www.academiamilitar.pt, 2010).

2.3 O TIROCÍNIO PARA OFICIAL DE INFANTARIA

O TPOI corresponde à fase de Formação Militar Geral Técnica e Tática da Arma, tem uma duração de referência de quatro meses e é ministrado na EPI, em Mafra.

O TPOI tem por finalidade proporcionar aos alunos a formação orientada para a prática e consolidação de conhecimentos teóricos apreendidos, relevar e exercitar a sua aptidão no âmbito do comando e liderança, adquirir competências no âmbito da pesquisa e investigação em ambiente profissional, consolidando, desse modo, a sua formação militar, técnica, científica, física e comportamental, indispensável aos futuros oficiais do Quadro Permanente da Arma de Infantaria.

O TPOI assume, deste modo, como objectivo final complementar a formação adquirida nos anos anteriores na AM, nomeadamente, nas áreas de formação técnica, tática e liderança

e proporcionar os conhecimentos indispensáveis de forma a habilitar o aluno do TPOI para o desempenho das funções e/ou cargos seguintes: Comandante de Pelotão de Atiradores de Infantaria, Pelotão de Apoio, Pelotão de Reconhecimento de Infantaria, Pelotão Anticarro, e Pelotão de Morteiros Pesados; 2º Comandante de Companhia; Formador das várias especialidades e áreas de interesse da Arma de Infantaria; Comandante de Pelotão/Formador no âmbito geral e complementar dos cursos destinados à categoria de praças, sargentos e oficiais em regime de voluntariado ou de contrato; Desempenhar as funções previstas no RGSUE compatíveis com o posto; Desenvolver a atitude comportamental exigida pela condição militar; E melhorar as capacidades físicas e mentais adquiridas.

CAPÍTULO 3

CONCEITO E TEORIA

No presente capítulo irá ser feita uma abordagem ao conceito de Competência, iniciando na sua génese e evolução, passando pela sua definição e apresentação da sua aplicação num Modelo de competências.

3.1 GÉNESE E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE COMPETÊNCIA

A explosão evolutiva da humanidade criou uma constante necessidade de realização de tarefas específicas, que constituem cada profissão, exigindo assim que cada profissional as conheça muito bem, e que mantenha uma capacidade elevada de aprendizagem, com vista à assimilação de novos comportamentos importantes para o seu desempenho.

O termo competência, começou a ser desenvolvido com relativa relevância na década de sessenta nos Estados Unidos da América. Nos anos seguintes, McClelland e Dailey (1972), Boyatzis (1982) e Spencer & Spencer (1993) deram grandes contributos para este desenvolvimento (Garcia et al., 2006).

Nos anos oitenta, o conceito de *competência* começou a ganhar importância no contexto da gestão de recursos humanos, em lugar do seu generalizado conceito de qualificação, que tinha perdido relevância no pós-guerra (Cardim & Miranda, 2007).

O termo competência surge relacionado com o domínio do conhecimento, sendo este referente a um conhecimento cada vez mais individualizado, fugindo do conceito social que implica interações grupais (Cardim & Miranda, 2007).

“No conceito de competência valorizam-se essencialmente as capacidades passíveis de adquirir e exercer de forma idêntica na generalidade das profissões. Estas capacidades, por nós entendidas como capacidades internas, são capacidades do próprio indivíduo postas em evidência nos resultados obtidos” (Dugué, 1999, pág. 11).

Embora existam inúmeras abordagens quanto ao conceito de *competência*, é notória a dificuldade em obter uma definição rigorosa. Isto acontece porque a conceptualização de

competência tem por base uma inconsistência, facilmente observável, devido a inúmeros trabalhos que esgotam a génese do conceito sem fundamentar uma aplicação efectiva num qualquer contexto organizacional (Cardim & Miranda, 2007).

Segundo Spencer (1993) a apresentação das várias análises do conceito tem girado em torno de três linhas conceptuais, sendo estas: a comportamentalista, a funcionalista e a construtivista.

A linha comportamentalista teve origem na década de vinte, nos EUA e o seu grande impulsionador foi McClelland (1972). Esta perspectiva baseia-se na observação de acontecimentos críticos, associando o sucesso no trabalho a características relacionadas com esse sucesso; daí que, só com o desenrolar da investigação sobre competências de gestão, nas décadas de setenta e oitenta, é que esta se tenha desenvolvido realmente.

A linha funcionalista desenvolveu-se em meados dos anos oitenta, e tem como princípio base a atribuição de capacidades para a resolução de problemas, as quais são necessárias para um bom desempenho.

A terceira linha, a construtivista, focaliza-se no indivíduo, encontrando-se ligada ao desenvolvimento da sua formação, sendo que o seu ponto-chave não reside no conhecimento, na capacidade ou nas atitudes, mas na aplicação prática destas na acção, colocando o indivíduo num processo dinâmico de construção. “Nesta perspectiva, Le Boterf (1994), observa que a competência não é um estado nem um conhecimento que se possui; as pessoas podem aplicá-la ou não nas situações de trabalho. A competência realiza-se na acção, não residindo, portanto, em recursos ou habilidades e conhecimento, mas na mobilização dos mesmos” (Garcia e tal., 2006 citado por Boterf 1994, p. 287).

Boyatzis (1982) propôs um novo modelo de competências, no qual a competência está directamente ligada às características do indivíduo, estando este habilitado a garantir elevados padrões de eficácia num determinado trabalho ou situação. Verificando-se que o autor teve uma abordagem comportamental, na qual o desempenho é o elemento de maior relevância quando tratamos de competência, facto que é observável através dos resultados e análise das acções num determinado contexto (Cascão, 2004).

De uma forma geral, os autores apresentam uma classificação de *competência* assente em três domínios: o domínio do saber, ou seja, os conhecimentos necessários; o domínio do saber fazer, isto é, experiências e requisitos práticos exigidos; e o domínio do saber ser, que se materializa nas atitudes e comportamentos ideais. Assim, podemos distinguir três tipos diferentes de desempenho de funções: os que se baseiam no conhecimento, os que se baseiam na acção intelectual ou física, e os que se baseiam nas atitudes e nos comportamentos.

De entre as várias definições de competência propostas, podemos observá-la como um conjunto relativamente estável e estruturado de conhecimentos, práticas dominadas e conduta profissional, adquiridos através da formação e da experiência que podem perfeitamente ser actualizados, sem necessidade de novos processos de aprendizagem, permitindo assim que um indivíduo enfrente um determinado tipo de tarefas e situações, recorrendo a noções, conhecimentos, métodos e técnicas apreendidos e aplicados segundo uma determinada conduta profissional.

3.2 CONCEITO DE COMPETÊNCIA

Múltiplos podem ser os significados que o conceito de competência pode assumir devido à sua génese teórica; no entanto, Harvey (1991), partindo da análise destas abordagens, construiu um modelo com o objectivo de organizar o conceito de competência, o modelo KSAO. Este modelo consiste no seguinte:

“Knowledge” (Conhecimento): A informação necessária e específica para realizar tarefas de uma função. Isto é adquirido através da educação formal, da formação no local de trabalho e da experiência profissional; “Skill” (Habilidade): Proficiência no uso de instrumentos e equipamentos na função. Esta habilidade deve ser adquirida num ambiente educacional; “Ability” (Capacidade): Resulta de conceitos tais como inteligência, orientação espacial e tempo de reacção. As capacidades são medidas por testes que fornecem estimativas acerca da capacidade que uma pessoa tem para realizar uma tarefa; Other (Outras): São as características necessárias para fazer bem um trabalho. Esta categoria inclui as habilidades de realização, atitudes, personalidade e outras características pessoais exigidas ao trabalhador” (Cascão, 2004, p. 22).

Contudo, devido às suas orientações comportamentais, este modelo foi alvo de várias críticas por parte de diversos autores, tais como McClelland (1973, 1976), Boyatzis (1982) e Spencer e Spencer (1993). Estes definem competência como parte da personalidade de um indivíduo que prevê o seu comportamento numa variedade de situações, com critérios de eficácia e bom desempenho. Visto desta perspectiva, as competências são motivos, traços de personalidade, auto-conceito, conhecimentos e habilidades (Cascão, 2004).

Assim podemos classificar as competências segundo três formas: competências instrumentais, que se referem à capacidade e habilidade no manuseamento e operação de materiais, instrumentos, ferramentas e equipamento; competências cognitivas, subjacentes ao conhecimento; e as competências comportamentais, que estão directamente ligadas aos comportamentos e responsabilidades ideais para o trabalho (Cardim & Miranda, 2007).

Le Boterf (1995) trata competência como a acção de colocar em prática conhecimentos, atitudes e habilidades num determinado contexto, onde existem situações de contingência que influenciam directamente um bom desempenho individual.

“A competência profissional traduz-se assim na capacidade de articular, mobilizar em acção valores, conhecimentos e habilidades necessários para o desempenho eficiente e eficaz das actividades referidas pela natureza do trabalho” (Silva e tal., 2006, p. 11).

Deste modo, podemos definir competência como a capacidade pessoal que um indivíduo tem de aplicar numa determinada situação conhecimentos, habilidades e atitudes, recorrendo à mobilização do que foi apreendendo ao longo de um período de formação e de prática de uma profissão.

3.3 MODELOS DE COMPETÊNCIAS

Um modelo de competência consiste num conjunto de competências genéricas e específicas que foram identificadas como fulcrais para que um indivíduo, num dado contexto organizacional, obtenha um bom desempenho profissional.

Spencer & Spencer (1993) desenvolveu um dos modelos de abordagem de competências mais usados, em todo o mundo, o iceberg (ANEXO X). Este modelo enfatiza as características pessoais como parte submersa do iceberg, e as competências como a parte visível, que se traduz na acção num determinado contexto e que tem sido alvo de análises diversas.

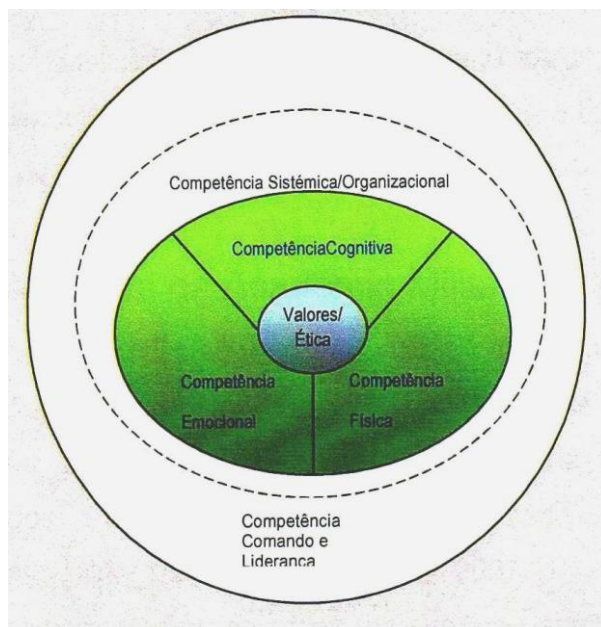
As Forças Armadas de países como os Estados Unidos da América e a República de Singapura adoptaram um modelo próprio de competências adaptado à sua realidade.

Em “Das competências à excelência: Modelo de competências do Oficial do Exército oriundo da Academia Militar”, um trabalho realizado pelo CPAE e pela AM, é proposto um modelo de competências para o Exército Português. Este, além de enfatizar as competências enquanto acções, invoca-as também como processos. Este modelo nasce da necessidade da Gestão de Recursos Humanos articular as acções e os desempenhos e, ao mesmo tempo, a formação e a selecção.

A Figura 1 representa o Modelo de Competências proposto para o Exército Português, apresentando no círculo interno a competência central, referente aos Valores e à Ética, que regulam a conduta dentro da Instituição Militar. O segundo círculo engloba as competências de carácter mais individual, próprias do indivíduo, ou seja, as cognitivas, emocionais e físicas. Por último, no terceiro círculo aparecem a competência sistémica/organizacional, relativa às orientações estratégicas da Instituição e a competência comando e liderança,

que envolve todo o estabelecimento de relações no interior e para o exterior da instituição (Silva e tal., 2006).

Figura 1: Representação do Modelo de Competências proposto para o Exército Português



No modelo apresentado, as competências são referentes a todos os Oficiais sem especificar posto, arma ou serviço.

CAPÍTULO 4

A COMPETÊNCIA FÍSICA

No presente capítulo vai ser explanado o conceito de *Competência Física*, bem como as suas três vertentes, as capacidades físicas, as capacidades técnicas e as capacidades psicológicas, que se constituem como vectores de desenvolvimento da Competência Física.

4.1 CONCEITO DE COMPETÊNCIA FÍSICA

A competência física pode entender-se como a capacidade que um indivíduo possui de aplicar, em situações reais que assim o exijam, os conhecimentos técnicos, as habilidades motoras, e as atitudes psicológicas, recorrendo à mobilização do que, através do treino, foi sendo desenvolvido de maneira a que este consiga obter um bom desempenho (Praça, 2010).

Desta forma podemos definir competência física como um conjunto de capacidades físicas, técnicas e psicológicas que habilitam um indivíduo a, através da aplicação destas, obter um bom desempenho na realização de tarefas em situações reais semelhantes àquelas para que foi treinado.

4.2 AS CAPACIDADES FÍSICAS

As capacidades físicas, de acordo com João Bragada, “são as condições endógenas que permitem a realização das diversas acções motoras”, ou seja, referem-se a uma panóplia de predisposições, pressupostos ou potencialidades próprias do indivíduo, nas quais assentam a realização, aprendizagem e/ou desenvolvimento de habilidades motoras. Schmidt e Wrisberg (2000) definem capacidades físicas como traços duradouros, herdados e relativamente estáveis, que suportam o rendimento do indivíduo em diversas habilidades motoras. Em ambos os casos é observável que as capacidades físicas são uma característica que nasce com o indivíduo, isto é, estão presentes na sua carga genética.

As capacidades físicas são usualmente divididas em dois grandes grupos, o grupo das capacidades condicionais, e o grupo das capacidades coordenativas (Meinel, 1984). As capacidades coordenativas são capacidades determinadas fundamentalmente por componentes onde predominam os processos de condução nervosa, ou seja, são estas capacidades que nos habilitam a organizar e regular o movimento, constituindo por isso a base para a aprendizagem, a execução e o domínio de gestos técnicos. São exemplos disso a capacidade de diferenciação sensorial, a capacidade de observação e a capacidade de representação (Tavares, 1998).

As capacidades condicionais são fundamentadas na eficiência do metabolismo energético nos músculos e sistemas orgânicos, isto é, são determinadas pelos processos que conduzem à obtenção e transformação de energia. As capacidades condicionais são basicamente quatro: a capacidade de força, a capacidade de resistência, a capacidade de velocidade e a capacidade de flexibilidade.

A Força é a *“capacidade do aparelho neuromuscular para vencer uma resistência pelo movimento, com base na contracção muscular”* (Mitra e Mogos, 1982), conjugando em si todos os factores condicionantes da sua produção, nomeadamente, o factor nervoso, o factor muscular, e os factores biomecânicos. A Resistência é *“a capacidade de manter um equilíbrio psíquico e funcional o mais adequado possível perante uma carga de intensidade e duração suficientes para desencadear uma perda de rendimento insuperável (manifesta), assegurando, simultaneamente, uma recuperação rápida após esforços físicos”* (Zintl, 1991). Assim a capacidade de resistência está directamente relacionada com instalação da fadiga e com a recuperação dos indivíduos após um esforço de longa duração, influenciando desta forma seu rendimento. A Velocidade é *“a capacidade de reagir, rapidamente, a um sinal ou estímulo e/ou efectuar movimentos com oposição reduzida no mais breve espaço de tempo possível”* (Castelo, 2000, p. 360). A velocidade tem a particularidade de ser a capacidade física mais difícil de desenvolver, uma vez que o investimento no treino não tem correspondido à evolução proporcional do seu rendimento, por comparação com o de outras capacidades físicas. A Flexibilidade é a *“capacidade do músculo ou grupo muscular, tanto em encurtamento máximo como em alongamento máximo, permitir a exploração máxima da articulação”* (Castelo, 2000, p. 409). Assim, a flexibilidade pode entender-se como a capacidade de realizar movimentos de grande amplitude ao nível articular sem prejuízo da integridade muscular.

4.3 AS CAPACIDADES TÉCNICAS

Por capacidades técnicas entende-se um conjunto de acções motoras orientadas, para a superação efectiva e completa de determinada tarefa com um gasto mínimo de energia.

Assim podemos dizer que o desenvolvimento da capacidade técnica de um indivíduo aumenta a sua eficácia, influenciando positivamente o seu desempenho.

As capacidades técnicas devem ser desenvolvidas, tanto quanto possível, em ambientes específicos, próximos do real; daí que cada tarefa possua determinadas capacidades técnicas próprias. No entanto, as capacidades técnicas desenvolvidas podem ser aplicadas a diversas tarefas. A este fenómeno de aplicação de capacidades técnicas a tarefas para as quais estas não foram desenvolvidas dá-se o nome de “*transfer*”.

4.4 AS CAPACIDADES PSICOLÓGICAS

O interesse atribuído à relação entre as capacidades psicológicas e o rendimento físico de um indivíduo não é recente. Os primeiros trabalhos realizados neste âmbito procuravam aceder à possibilidade da influência da preparação mental em determinadas tarefas motoras. Estes estudos incidiam essencialmente sobre os factores perturbadores de um bom desempenho. Mais tarde começaram a efectuar-se estudos voltados para o rendimento e para a melhoria das capacidades psicológicas.

Segundo Vealey (1988) capacidades psicológicas são “um conjunto de capacidades capazes de regular e manter um estado mental excelente, ou um conjunto de técnicas e estratégias que auxiliam o atleta a enfrentar de maneira positiva as adversidades na sua modalidade.” Mais tarde, devido ao carácter generalizado desta definição, a mesma autora apresenta uma nova definição de capacidades psicológicas em que as divide em vários grupos, de entre os quais se destacam as capacidades intra-pessoais, relacionadas com a autoconfiança, com o controlo emocional e com pensamento produtivo, as capacidades de rendimento, ligadas ao controlo atencional e às habilidades perpetuais, e as capacidades de desenvolvimento pessoal, referentes ao auto-conceito.

Tal como as outras capacidades, as capacidades psicológicas devem ser aprendidas e treinadas de forma sistemática e orientada com vista a um melhor rendimento (Viana & Cruz, 1996).

Podemos então definir capacidades psicológicas como um conjunto de capacidades passíveis de ser aprendidas e treinadas, que habilitam o indivíduo a atingir um estado mental que lhe possibilita ultrapassar positivamente adversidades, de modo a obter um bom desempenho na execução das suas acções motoras.

PARTE II – TRABALHO DE CAMPO

CAPÍTULO 5

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

A parte prática tem como objectivo verificar os conceitos teóricos apresentados na parte teórica e tentar encontrar respostas para as questões de investigação levantadas, bem como atingir os objectivos propostos na introdução.

Apresenta-se neste capítulo o trabalho de campo efectuado no âmbito desta investigação. Inicialmente, é apresentado o método de abordagem, seguido de uma alusão aos procedimentos e técnicas utilizados na obtenção de informação e, por último, uma referência aos meios utilizados na mesma.

5.1 MÉTODO DE ABORDAGEM

Tendo em conta que os objectivos a alcançar careciam do acesso e consulta de uma ampla variedade de fontes de informação, tais como a consulta de documentos, conversas com peritos, e entrevistas, tendo em vista obter informação essencialmente de natureza qualitativa, de forma a encontrar a resposta à questão “De que forma o Treino Físico na Academia Militar contribui para a aquisição de competências necessárias ao futuro Oficial de Infantaria?”, a metodologia utilizada foi o *Estudo de Caso*.

O *Estudo de Caso* propõe-se investigar um fenómeno contemporâneo, em que os limites entre o fenómeno e o seu contexto não se encontram claramente definidos. (Yin, 1994). O *Estudo de caso* revela-se importante quando existem inter-relações entre factores envolvidos, e há necessidade de compreender essas relações.

Assim, no Estudo de Caso não se pode separar o fenómeno do contexto real e dificilmente se poderão tratar as variáveis como independentes e controladas, pois serão interdependentes. Trata-se, portanto, de uma investigação que estuda deliberadamente uma situação específica e que se prevê ser única em muitos aspectos, pelo que se vão procurar nela o que há de mais essencial e característico.

Este tipo de metodologia utilizada nesta pesquisa é uma metodologia qualitativa; desta forma, o interesse fulcral é o objecto de análise.

Uma vez que o Estudo de Caso é uma metodologia assente em várias fontes de informação, onde deverão ser encontradas as variáveis interdependentes e compreendidas as suas relações, foram utilizados dois métodos de recolha de informação.

A análise documental constituiu o ponto de partida da investigação. Apesar de se tratar de um assunto que se encontra ligado à formação base do Exército, poucas foram as fontes encontradas que ligavam directamente estes aspectos.

O método inquisitivo⁵ assumiu uma importância vital para o desenvolvimento do trabalho, através das entrevistas realizadas a uma amostra previamente definida, assim como das entrevistas exploratórias realizadas *a priori*, e das conversas informais com peritos.

5.2 PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS

A investigação para este trabalho iniciou-se no dia 19 de Fevereiro de 2010, com uma pesquisa bibliográfica, em bibliotecas civis e militares, e com a realização de entrevistas exploratória com peritos. Houve ainda a preocupação de estabelecer contacto com o CMEFD, na medida em que esta é a Unidade do Exército Português que mais trabalha a temática do TF.

O principal método de investigação foi a entrevista semi-estruturada, aplicada a Oficiais subalternos de Infantaria com experiência operacional.

5.3 ENTREVISTAS

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, dado que os entrevistados responderam às perguntas de um guião⁶, falando também de assuntos relacionados com o tema. As perguntas colocadas no guião têm como objectivo direccionar os assuntos para as hipóteses levantadas.

Com as entrevistas procurou-se saber qual a opinião concreta dos entrevistados sobre o assunto em estudo, e estabelecer uma relação entre as suas experiências operacionais e a sua formação em termos de treino físico. Foram sem dúvida alguma um elemento crucial para o desenvolvimento do trabalho, uma vez que permitiram o acesso a informação que auxiliou bastante na obtenção das respostas às questões de investigação.

⁵ Tem por base o interrogatório oral ou escrito.

⁶ Ver Apêndice Z – Guião das Entrevistas

As entrevistas foram submetidas a uma análise qualitativa, através de quadros, definidos por Guerra (2006, p.73) como sinopses de entrevistas que se constituem como “sínteses dos discursos que contêm a mensagem essencial da entrevista e são fiéis (...) ao que disseram os entrevistados”. Estes quadros têm em vista reduzir o material a trabalhar, permitir a análise apenas do essencial e facilitar a comparação longitudinal das entrevistas (Guerra, 2006).

Caracterização da Amostra

Foram realizadas entrevistas a oito Oficiais subalternos de Infantaria, tendo a preocupação que servissem em diferentes unidades de Infantaria do País, que tivessem comandado, ou se encontravam a comandar, à data da entrevista, pequenas unidades de Infantaria (até ao escalão pelotão) em FND nos TO do Kosovo e do Afeganistão.

A escolha desta amostra deve-se ao facto de estas pessoas serem o produto directo, e mais recentemente colocado em funções operacionais efectivas, da formação na AM. Sendo, por isso, quem possui as mais recentes informações sobre a aplicação operacional, em situação real, das competências adquiridas durante a formação na AM.

Quadro 1: Caracterização da Amostra

| Entrevistados | Posto | Tipologia da Unidade | Teatro de Operações | Ano | Função objecto de estudo |
|---------------|---------|-----------------------------------|---------------------|-----------|---|
| 1 | Tenente | Infantaria de Operações Especiais | Kosovo | 2010 | Comandante de módulo de apoio |
| 2 | Tenente | Infantaria Mecanizada | Kosovo | 2009/2010 | Comandante de pelotão de atiradores |
| 3 | Tenente | Infantaria Motorizada | Kosovo | 2008 | Comandante de pelotão de atiradores |
| 4 | Tenente | Infantaria Motorizada | Kosovo | 2009 | Comandante de pelotão de atiradores |
| 5 | Tenente | Infantaria Pára-quedista | Kosovo | 2010 | Comandante de pelotão de atiradores |
| 6 | Tenente | Infantaria apeada | Kosovo | 2010 | Comandante de pelotão de reconhecimento |
| 7 | Tenente | Infantaria apeada - “Comandos” | Afeganistão | 2008 | Comandante de pelotão de atiradores |
| 8 | Tenente | Infantaria apeada - “Comandos” | Afeganistão | 2008 | Comandante de pelotão de atiradores |

5.4 MEIOS UTILIZADOS

Três das entrevistas apresentadas foram realizadas via correio electrónico, uma vez que foram realizadas a Oficiais subalternos de Infantaria que se encontravam em missão no Kosovo; as restantes foram presenciais, tendo estas sido gravadas num telemóvel Nokia modelo N70 e posteriormente transcritas. Houve ainda a necessidade, por parte do entrevistador, de reorientar algumas entrevistas, dado que algumas respostas se afastaram do tema pretendido.

.

CAPÍTULO 6

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente capítulo tem como intuito apresentar e efectuar a análise e discussão dos resultados obtidos através da aplicação das entrevistas, cruzando os resultados obtidos com a primeira parte do trabalho.

6.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Análise de conteúdo à questão nº 1

No quadro apresenta-se a análise de conteúdo à questão nº 1 - Para si que conhecimentos e competências deve um Oficial de Infantaria possuir?

Quadro 2: Análise de resultados da questão nº 1

| Respostas | Argumentação |
|-------------------|--|
| Entrevistado nº 1 | <ul style="list-style-type: none"> - Competências técnico-táticas - Conhecimentos alargados no que se reporta à área militar - Ser um exemplo, tanto a nível físico como a nível técnico |
| Entrevistado nº 2 | <ul style="list-style-type: none"> - Competência Física - Competência Técnica - Competência Moral - Deve mostrar Iniciativa - Deve ser um Líder |
| Entrevistado nº 3 | <ul style="list-style-type: none"> - Competência Física - Competência Técnica - Competência Tática - Deve ser um Líder - Deve possuir conduta profissional enquadrada com a instituição e irrepreensível em termos éticos - Deve ser um exemplo |
| Entrevistado nº 4 | <ul style="list-style-type: none"> - Deve ter Carácter - Deve saber estar - Deve ser "humano" - Deve saber Comandar - Deve saber Liderar - Deve ter uma boa condição física, capacidade física, capacidade psicológica (rusticidade) - Competência Técnica - Deve Saber fazer - Deve ter vontade e saber contagiar essa vontade de cumprir a missão - Ser camarada e incitar à camaradagem - Deve ter uma grande flexibilidade, capacidade de adaptação |
| Entrevistado nº 5 | <ul style="list-style-type: none"> - Todas as que necessite para desempenhar as funções e tarefas que lhe são incumbidas |

| Respostas | Argumentação |
|-------------------|---|
| Entrevistado nº 5 | <ul style="list-style-type: none"> - Competências no âmbito técnico - Competências no âmbito tático - Competências no âmbito físico |
| Entrevistado nº 6 | <ul style="list-style-type: none"> - Deve ter os conhecimentos técnicos e táticos nas matérias ministradas ao nível do exército |
| Entrevistado nº 7 | <ul style="list-style-type: none"> - Deve ser um generalista - Tanto em termos técnicos, como táticos, um Oficial deve saber de tudo um pouco - Fisicamente deve estar acima da média, deve-se encontrar no primeiro terço do pelotão - Deve ser acima de tudo um exemplo - Tem que saber estar - Deve saber relacionar-se com os seus homens, conhecendo-os e sabendo os seus problemas, mas ao mesmo tempo, mantendo alguma distância - Deve que ser justo e sensato |
| Entrevistado nº 8 | <ul style="list-style-type: none"> - Competência Física* - Competência Técnica* - Competência Tática* <p>*que lhe permitam desempenhar todo o leque de funções que pode desempenhar</p> |

Esta questão teve o intuito de saber se o perfil de competências do Oficial do Exército se enquadrava e estava de acordo com as percepções que os próprios Oficiais subalternos de Infantaria tinham de um competente Oficial de Infantaria.

As respostas obtidas evidenciaram que um Oficial de Infantaria deve possuir: competência cognitiva geral, tanto ao nível técnico, como ao nível tático, e que lhe permita ser flexível ao ponto de se adaptar a qualquer situação, competências físicas acima da média, competências emocionais que o habilitem a saber estar, a manter a postura em qualquer situação, e a relacionar-se com os seus homens, competências morais, que o tornem um bom camarada, ser justo, sensato, humano, ter carácter, competência organizacional, possuir uma conduta profissional adequada à instituição e competências de liderança, que façam dele um líder, ter iniciativa e vontade, comandar pelo exemplo, ser um exemplo para os seus homens, saber fazer.

Análise de conteúdo à questão nº 2

No quadro apresenta-se a análise de conteúdo à questão nº 2 - Que peso/importância relativa atribuiria ao TF na AM, na obtenção dos conhecimentos e competências referidos na questão anterior?

Quadro 3: Análise de resultados da questão nº 2

| Respostas | Afirmativa | Negativa | Argumentação |
|-------------------|------------|----------|---|
| Entrevistado nº 1 | | X | <ul style="list-style-type: none"> - Só adquirir verdadeiramente esses conhecimentos e competências durante o tempo que estive no TPOI. |
| Entrevistado nº 2 | X | | <ul style="list-style-type: none"> - Treino Físico na AM deveria ser considerado ainda mais importante. - Ser dado de forma integrada com os outros conhecimentos e competências. |

| Respostas | Afirmativa | Negativa | Argumentação |
|-------------------|------------|----------|---|
| Entrevistado nº 3 | X | | - Dá-nos a conhecer a nós próprios. - Torna-nos capazes manter um controlo emocional que nos permite tomar decisões sob condições adversas |
| Entrevistado nº 4 | X | | - Contribui para a robustez física e psicológica, o saber que se é capaz de fazer e ter a vontade de o fazer - Na parte técnica como melhor me preparar para realizar qualquer tarefa a nível físico - A capacidade psicológica é algo que fica, o espírito de sacrifício, o pensar eu sou capaz, o pensar eu quero por isso consigo. |
| Entrevistado nº 5 | X | | - Serve para testar os cadetes em situações diversas como: obstáculos de decisão, provas de rusticidade, provas de resistência, e de conhecimento geral. - No futuro essas provas dão confiança e conhecimento próprio a cada um para ultrapassar novas barreiras. - Só no TPOI a componente da resistência, rusticidade e discernimento mental sejam mais trabalhados. |
| Entrevistado nº 6 | X | | - Permitiu uma estrutura base capaz de discernir perante diversas adversidades. |
| Entrevistado nº 7 | X | | - Uma pessoa bem preparada fisicamente apresenta um estado mental que lhe proporciona confiança, intrinsecamente ligada com o autodomínio. |
| Entrevistado nº 8 | X | | - Dá a conhecer quais as competências a possuir, mas não as trabalha o suficiente para garantir que no fim o Oficial de Infantaria as possua e aplique. |

Esta questão teve o intuito de saber qual a importância relativa que os Oficiais subalternos de Infantaria atribuem ao TF na aquisição das competências essenciais ao seu bom desempenho, e identificar em que medida.

As respostas foram maioritariamente afirmativamente unânimes. Com excepção do entrevistado nº1, que refere que essas competências só foram verdadeiramente adquiridas no TPOI, os restantes entrevistados atribuem ao TF uma grande importância na aquisição do auto-conceito, no controlo emocional perante a adversidade, no desenvolvimento de competências físicas, nas suas três vertentes, essencialmente nas capacidades psicológicas. No entanto, entrevistado nº8 refere que o TF na AM dá a conhecer as competências a possuir, mas não é suficiente para garantir a sua aquisição e posterior aplicação e o entrevistado nº5 refere ainda que só no TPOI a componente da resistência, rusticidade e discernimento mental são efectivamente trabalhados.

Análise de conteúdo à questão nº 3

No quadro apresenta-se a análise de conteúdo à questão nº 3 - Que capacidades físicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na AM?

Quadro 4: Análise de resultados da questão nº 3

| Respostas | Capacidades | Muito | Intermédio | Pouco | Nada |
|-------------------|--|--------|------------|-------------|--------|
| Entrevistado nº 1 | - Resistência - Força ao nível do trem inferior - Força ao nível do trem superior - Velocidade - Flexibilidade | X X | X | | X X |
| Entrevistado nº 2 | - Resistência - Força ao nível do trem inferior - Força ao nível do trem superior - Velocidade - Flexibilidade | X X | X | X | X |
| Entrevistado nº 3 | - Resistência - Força ao nível do trem inferior - Força ao nível do trem superior - Velocidade - Flexibilidade | X X | X | X X | |
| Entrevistado nº 4 | - Resistência - Força ao nível do trem inferior - Força ao nível do trem superior - Velocidade - Flexibilidade | X X | | X X X | |
| Entrevistado nº 5 | - Resistência - Força ao nível do trem inferior - Força ao nível do trem superior - Velocidade - Flexibilidade | X | X | X X X | |
| Entrevistado nº 6 | - Resistência - Força ao nível do trem inferior - Força ao nível do trem superior - Velocidade - Flexibilidade | | X X | X X X | |
| Entrevistado nº 7 | - Resistência - Força ao nível do trem inferior - Força ao nível do trem superior - Velocidade - Flexibilidade | X X | X | X X | |
| Entrevistado nº 8 | - Resistência - Força ao nível do trem inferior - Força ao nível do trem superior - Velocidade - Flexibilidade | | X X | X X | X |

Esta questão teve o intuito de identificar as capacidades físicas desenvolvidas através do TF na AM, assim como o seu grau de desenvolvimento durante a frequência do curso. As respostas obtidas evidenciaram que todos os entrevistados consideram ter desenvolvido a resistência e a força ao nível do trem inferior, tendo sido estas, regra geral, muito desenvolvidas, e a força ao nível do trem superior, oscilando esta entre o nível de desenvolvimento intermédio e o pouco. No caso da velocidade e da flexibilidade, as respostas evidenciam que pouco ou nada foi desenvolvido.

Análise de conteúdo à questão nº 4

No quadro apresenta-se a análise de conteúdo à questão nº 4 - Que capacidades psicológicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na AM?

Quadro 5: Análise de resultados da questão nº 4

| Respostas | Capacidades | Muito | Intermédio | Pouco | Nada |
|-------------------|---|----------------------------|------------------|-------|------|
| Entrevistado nº 1 | - Atenção - Concentração - Abnegação - Domínio do estado emotivo - Espírito de sacrifício | X X | X | X | X |
| Entrevistado nº 2 | - Atenção - Concentração - Abnegação - Domínio do estado emotivo - Espírito de sacrifício | X X X X | X X | | |
| Entrevistado nº 3 | - Atenção - Concentração - Abnegação - Domínio do estado emotivo - Espírito de sacrifício | X X X X | X | | |
| Entrevistado nº 4 | - Atenção - Concentração - Abnegação - Domínio do estado emotivo - Espírito de sacrifício | X X X X | X | | |
| Entrevistado nº 5 | - Atenção - Concentração - Abnegação - Domínio do estado emotivo - Espírito de sacrifício | X X X X | X | | |
| Entrevistado nº 6 | - Atenção - Concentração - Abnegação - Domínio do estado emotivo - Espírito de sacrifício | X X X X X | | | |
| Entrevistado nº 7 | - Atenção - Concentração - Abnegação - Domínio do estado emotivo - Espírito de sacrifício - Conhecimento de si próprio | X X X X X X | | | |
| Entrevistado nº 8 | - Atenção - Concentração - Abnegação - Domínio do estado emotivo - Espírito de sacrifício | | X X X X | X | |

Esta questão teve o intuito de identificar as capacidades psicológicas desenvolvidas através do TF na AM, assim como o seu grau de desenvolvimento durante a frequência do curso.

As respostas obtidas evidenciaram que a maioria dos entrevistados considera que as capacidades psicológicas foram, de uma forma geral, bastante desenvolvidas, com a exceção do entrevistado nº8 que considera que foram apenas desenvolvidas a um nível intermédio. Há que referir que tanto o entrevistado nº1, como o entrevistado nº8 consideram que o domínio do estado emotivo foi pouco desenvolvido. É também de salientar que ao nível da atenção o entrevistado nº1 considera que simplesmente esta capacidade não foi desenvolvida, e que os entrevistados nº2 e nº3 consideram que foi desenvolvido a um nível intermédio. Os entrevistados nº4 e nº5 por sua vez consideram que o espírito de sacrifício apenas foi desenvolvido a um nível intermédio. Há por último que salientar que o

entrevistado nº7 acrescenta ainda o conhecimento de si próprio, capacidade que está directamente ligada ao auto-conceito, como uma capacidade que desenvolveu bastante.

Análise de conteúdo à questão nº 5

No quadro apresenta-se a análise de conteúdo à questão nº 5 - Que capacidades técnicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na AM?

Quadro 6: Análise de resultados da questão nº 5

| Respostas | Capacidades | Muito | Intermédio | Pouco |
|-------------------|--|-------|-------------|-----------------|
| Entrevistado nº 1 | - Saltar equipado - Transpor Obstáculos equipado - Nadar equipado - Correr equipado | | X X | X X |
| Entrevistado nº 2 | - Saltar equipado - Transpor Obstáculos equipado - Nadar equipado - Correr equipado | | X X | X X |
| Entrevistado nº 3 | - Saltar equipado - Transpor Obstáculos equipado - Nadar equipado - Correr equipado | | X | X X X |
| Entrevistado nº 4 | - Saltar equipado - Transpor Obstáculos equipado - Nadar equipado - Correr equipado | | X X X | X |
| Entrevistado nº 5 | - Saltar equipado - Transpor Obstáculos equipado - Nadar equipado - Correr equipado | | X X X | X |
| Entrevistado nº 6 | - Saltar equipado - Transpor Obstáculos equipado - Nadar equipado - Correr equipado | | X X | X X |
| Entrevistado nº 7 | - Saltar equipado - Transpor Obstáculos equipado - Nadar equipado - Correr equipado | | X X X | X |
| Entrevistado nº 8 | - Saltar equipado - Transpor Obstáculos equipado - Nadar equipado - Correr equipado | | X X X | X |

Esta questão teve o intuito de identificar as capacidades técnicas desenvolvidas através do TF na AM, assim como o seu grau de desenvolvimento durante a frequência do curso.

As respostas obtidas evidenciaram que estas foram as capacidades menos desenvolvidas durante a frequência do curso, não existindo nenhuma capacidade que estes considerem como muito desenvolvida. Há ainda que salientar que todos os entrevistados identificaram a capacidade correr equipado como uma capacidade pouco desenvolvida.

Análise de conteúdo à questão nº 6

No quadro apresenta-se a análise de conteúdo à questão nº 6 - Que tipo de missões foram atribuídas à sua força na FND em que participou?

Quadro 7: Análise de resultados da questão nº 6

| Respostas | Argumentação |
|-------------------|---|
| Entrevistado nº 1 | <ul style="list-style-type: none"> - Contactos com as LMT's (Laisson Monitoring Team) e as FHT's (Field Humint Teams); - Contactos para recolha de Informação; - Parelhas Sniper para Operações de CRC (Crowd Riot Control); - Seguimento e vigilância; - Protecção Pessoal |
| Entrevistado nº 2 | <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecimento de Área - Reconhecimento de Itinerários - Patrulhas Montadas e Apeadas - Patrulhas Montadas e Apeadas Conjuntas - Monitorização de Área e de Itinerários (PatMont e PO/PE) - Patrulhas de Proximidade à População - Segurança a Instalações - Reserva da KFOR, com 8 ou 4 horas de "Notice To Move" para CRC. |
| Entrevistado nº 3 | <ul style="list-style-type: none"> - Patrulhas apeadas e montadas - VCP - CRC |
| Entrevistado nº 4 | <ul style="list-style-type: none"> - Patrulhas apeadas e montadas - Vigilância em controlo fronteiriço - Reserva da KFOR , "Notice to Move" para CRC - CRC |
| Entrevistado nº 5 | <ul style="list-style-type: none"> - Operar Checkpoint Móvel - Escolta de Viaturas - Barragem de Itinerário (CRC) - Patrulhas - Serviço de Segurança ao Aquartelamento - Reconhecimentos vários |
| Entrevistado nº 6 | <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecimentos - Operar Checkpoint - Escolta de Viaturas - Vigilância |
| Entrevistado nº 7 | <ul style="list-style-type: none"> - Patrulhas apeadas e montadas - Reconhecimentos |
| Entrevistado nº 8 | <ul style="list-style-type: none"> - Force Protection - Patrulhas - Reconhecimentos - Segurança |

Esta questão teve o intuito de identificar as missões atribuídas aos entrevistados.

As respostas obtidas revelam uma variedade de missões de entre as quais se destacam as missões de CRC, as patrulhas montadas e apeadas e os reconhecimentos. Sendo ainda de notar que o entrevistado nº1 apresenta missões de outra natureza uma vez que comandava uma força de uma tipologia completamente diferente.

Análise de conteúdo à questão nº 7

No quadro apresenta-se a análise de conteúdo à questão nº 7 – A que tipo de esforço físico estiveram sujeitos, ou poderiam estar sujeitos durante o cumprimento das missões no caso de alguma contingência? Dê exemplos.

Quadro 8: Análise de resultados da questão nº 7

| Respostas | Argumentação |
|-------------------|--|
| Entrevistado nº 1 | - Irrelevante, todos os reconhecimentos e vigilância são efectuados de viatura |

| Respostas | Argumentação |
|-------------------|--|
| Entrevistado nº 2 | <ul style="list-style-type: none"> - Cansaço físico, devido a privação do sono - Exposição prolongada aos elementos (frio intenso, chuva, neve e ventos fortes). - Resistência: aguentar várias horas na mesma posição, com carga, com máscara de gás, e a sofrer pressão da multidão. - Rapidez (velocidade), quando se efectua uma carga para dispersar a multidão. - Força: quando se usa o escudo e o bastão para dispersar a multidão. |
| Entrevistado nº 3 | <ul style="list-style-type: none"> - No caso dos exercícios de CRC tiveram alguma intensidade, quer pela força, explosão e rapidez dos movimentos, quer pela capacidade de resistência e de abnegação aquando em espera com todo o equipamento. - No caso dos patrulhamentos apeados, que foram feitos na montanha e com todo o equipamento, denotei um esforço físico fora do normal a nível de membros inferiores, já que grande parte destes movimentos foram feitos na neve. |
| Entrevistado nº 4 | <ul style="list-style-type: none"> - No CRC há que aguentar a pressão da multidão, totalmente equipado, colete balístico e restante equipamento. Em termos de duração podem-se estender por uma, duas, três horas seguidas, que podem ser estáticos, ou exigir uma rápida reacção a dispersar a multidão, sob condições climáticas adversas, de inverno é muito frio e muita neve, e no verão as temperaturas oscilam entre os 35 e os 40 °C, é bastante desgastante. - As patrulhas apeadas que pela sua natureza são extremamente fatigantes, uma vez que temos de transportar connosco o nosso equipamento, meios rádio, etc. |
| Entrevistado nº 5 | <ul style="list-style-type: none"> - Estivemos equipados com o equipamento CRC mais colete balístico, arma individual, extintores, mochilas com água, cerca de 8 horas com uma temperatura média de 32°C. - Estando de serviço de segurança ao aquartelamento e sair de manhã cedo para um exercício de três dias em que não houveram períodos normais de descanso. - Estar o pelotão todo a correr fora do aquartelamento a cerca de 15km, e ter 30 minutos para reunir toda a gente, regressar e equipar rapidamente para CRC, ser projectado de helicóptero para intervir numa situação real, tendo alguns tomando a sua primeira refeição do dia às 15h da tarde sobre uma temperatura média de 30°C. |
| Entrevistado nº 6 | <ul style="list-style-type: none"> - Carregar material, quando ficámos sem viaturas. - Muitas horas sem dormir, em situações de vigilância permanente. |
| Entrevistado nº 7 | <ul style="list-style-type: none"> - Patrulhas apeadas na ordem dos 10, 15 quilómetros, sob elevadas temperaturas, condições de altitude, em que o ar é rarefeito. - Se fossemos emboscados no final de uma patrulha apeada, que o rendimento não seria o mesmo, visto que o pessoal acabava bastante desgastado. |
| Entrevistado nº 8 | <ul style="list-style-type: none"> - Patrulhas com mais de 10km com cerca de 40kg de carga num ambiente desértico com cerca de 50°C. - Reacção a emboscada. |

Esta questão teve o intuito de identificar o tipo de esforço físico a que os entrevistados estiveram sujeitos durante o cumprimento das missões que lhes foram atribuídas.

As respostas obtidas evidenciaram que, no cumprimento das suas missões, a maioria dos entrevistados estiveram sujeitos a esforços de longa duração ao nível da resistência, esforços de força tanto ao nível do trem inferior como ao nível do trem superior, sob condições climáticas e ambientais adversas e com pouco tempo de descanso para recuperar do esforço. Há a salientar que o entrevistado nº1 refere que o esforço físico no cumprimento das missões que lhe foram atribuídas foi irrelevante.

Análise de conteúdo à questão nº 8

No quadro apresenta-se a análise de conteúdo à questão nº 8 - Quais as capacidades físicas que na sua opinião foram mais solicitadas durante o cumprimento das missões?

Quadro 9: Análise de resultados da questão nº 8

| Respostas | Argumentação |
|-------------------|--|
| Entrevistado nº 1 | - Resistência |
| Entrevistado nº 2 | - Resistência |
| Entrevistado nº 3 | - Resistência - Força ao nível do trem inferior |
| Entrevistado nº 4 | - Resistência - Força ao nível do trem inferior |
| Entrevistado nº 5 | - Resistência |
| Entrevistado nº 6 | - Resistência |
| Entrevistado nº 7 | - Resistência |
| Entrevistado nº 8 | - Todas |

Esta questão teve o intuito de identificar as capacidades físicas que foram efectivamente necessárias durante o cumprimento das missões atribuídas durante a FND.

As respostas obtidas são unânimes em referir que a capacidade que foi efectivamente a mais necessária foi a resistência. Os entrevistados nº3 e nº4 referem que a força ao nível do trem inferior foi também bastante solicitada. O entrevistado nº8, por sua vez, refere ainda que foram todas bastante solicitadas.

Análise de conteúdo à questão nº 9

No quadro apresenta-se a análise de conteúdo à questão nº 9 - De que forma a instrução de TF que teve durante a frequência do Curso de Infantaria da AM o ajudaram tanto na execução como na preparação para a FND?

Quadro 10: Análise de resultados da questão nº 9

| Respostas | Afirmativa | Negativa | Argumentação |
|-------------------|------------|----------|--|
| Entrevistado nº 1 | | X | - No tipo missão que estou a executar teve muito pouco. |
| Entrevistado nº 2 | X | | - O início da minha preparação física para a FND. - O conhecimento da prática pedagógica do Treino Físico que pude aplicar ao meu Pelotão, desde a fase de preparação em Portugal até ao fim da missão. |
| Entrevistado nº 3 | X | | - Garante-nos um conhecimento amplo de todo o espectro de Treino que se pode fazer para desenvolver a nossa capacidade física e psicológica - Quando iniciamos a preparação para FND, temos a noção do tipo de exercícios e esforços que podemos pedir aos nossos homens. - Sofro o mesmo treino que os meus homens, e por conseguinte apercebo-me das dificuldades que passam, mas também sei quando eles vão estar no seu pico de forma. |

| Respostas | Afirmativa | Negativa | Argumentação |
|-------------------|------------|----------|---|
| Entrevistado nº 4 | X | | <ul style="list-style-type: none"> - Permitiu-me conhecer as minhas capacidades, e isso é muito importante aquando a recepção de uma missão, o saber se sou capaz de a realizar, e se os meus homens, mediante o treino que lhes ministrei, também são capazes. - A prática de treino físico na Academia é muito metódica e faz-nos aprender como desenvolver as capacidades que queremos, tanto para nós, como para os nossos homens. |
| Entrevistado nº 5 | X | | <ul style="list-style-type: none"> - O treino físico prepara-nos de certa forma para garantirmos o nível de execução quando nos deparamos com situações difíceis. - A resistência física e psicológica são muito importantes para as situações de mais empenhamento e desgaste. - Como comandantes estamos em iguais circunstâncias com os demais mas com a responsabilidade de estarmos atentos a tudo desde o planeamento, execução e normais contingências. |
| Entrevistado nº 6 | X | | <ul style="list-style-type: none"> - Comecei a desenvolver as minhas capacidades físicas, psicológicas e técnicas, que me permitiram, não só aguentar as fadigas decorrentes das missões atribuídas, e da falta de descanso. - Como preparar os meus homens para a missão. |
| Entrevistado nº 7 | X | | <ul style="list-style-type: none"> - Foi o início de um grande desenvolvimento da minha condição física. - Ter sempre a consciência das minhas capacidades o que me permitiu dosear o esforço. |
| Entrevistado nº 8 | X | | <ul style="list-style-type: none"> - Foi o princípio do desenvolver das minhas capacidades. - Deu-me a conhecer as competências a possuir, embora só no TPOI as tenha desenvolvido, de maneira a poder aplicá-las. |

Esta questão teve o intuito de saber de que forma o TF auxiliou os entrevistados tanto na execução como na preparação para a FND.

As respostas obtidas, com a exceção do entrevistado nº1 que referiu que no tipo de missão que estava a desempenhar tinha possuído pouca relevância, revelaram que, regra geral, o TF na AM constituiu o início do desenvolvimento das competências físicas, nas suas três vertentes, necessárias para a missão, e foi através dele que apreenderam a metodologia de treino que aplicaram ao seus homens na preparação para a missão.

CAPÍTULO 7

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Tendo em consideração os resultados encontrados nos capítulos precedentes, neste capítulo vão ser verificadas as hipóteses enunciadas, apresentadas as conclusões a que se chegou com a realização do presente trabalho de investigação, assim como as recomendações achadas convenientes e as limitações sentidas ao longo da elaboração da mesma. Por último, apresenta-se uma proposta para uma futura investigação.

6.1 VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES

Chegando à parte final do trabalho é possível verificar as hipóteses inicialmente formuladas.

Relativamente à primeira hipótese: **O Oficial de Infantaria deve possuir competências cognitivas, competências emocionais, competências físicas, competências ao nível sistémico/organizacional e competências de comando e liderança, tudo isto emanado de um conjunto de valores e ética adequados à instituição**, esta foi totalmente validada, pelas respostas dos entrevistados à questão número um. Podemos assim concluir que o Perfil de competências do Oficial de Infantaria desejável e que o habilitam a um bom desempenho, se constrói de competências cognitivas ao nível tático e técnico, capaz de lhe garantir flexibilidade e capacidade de adaptação, de competências emocionais, materializadas na relação proximidade versus distanciamento dos seus homens, no saber estar, e manter um postura digna perante qualquer situação, competências físicas, nas suas três vertentes, capacidades físicas, capacidades psicológicas e capacidades técnicas acima da média, que lhe permitam estar sempre pronto para desempenhar qualquer missão, competências ao nível sistémico/organizacional, materializadas numa cultura geral militar, e uma conduta profissional completamente enquadrada com a instituição e competências de comando e liderança, o saber comandar enquanto líder, o ter iniciativa e conseguir contagiar essa iniciativa e vontade de fazer bem e melhor, o ser um exemplo para os seus homens,

devendo enquadrar tudo num quadro de valores e ética, ser justo, leal, camarada, sensato e, acima de tudo, ser humano.

Relativamente à segunda hipótese: **A competência desenvolvida pelo TF na AM é a competência física nas suas três vertentes: as capacidades físicas, as capacidades psicológicas e as capacidades técnicas**, esta verifica-se em parte, pelas respostas dos entrevistados às questões números dois, três, quatro e cinco; é efectivamente a competência física, no entanto, atinge um desenvolvimento díspar de capacidades. As capacidades físicas evoluem bastante no que respeita à resistência e à força ao nível do trem inferior, enquanto que a força do trem superior evolui apenas a um nível intermédio, e a velocidade e a flexibilidade são pouco ou nada desenvolvidas. As capacidades técnicas apresentam uma grave lacuna de na sua obtenção atingindo, no máximo, uma evolução intermédia, e no caso de correr equipado, que tem por base as duas capacidades físicas mais trabalhadas, é pouco desenvolvido. Já as capacidades psicológicas que são bastante desenvolvidas, e tendo em conta que são as que mais perduram no tempo, e que afectam directamente o desempenho físico e técnico, são um bom exemplo de um caso de sucesso no desenvolvimento da competência física.

Relativamente à terceira hipótese: **As capacidades físicas mais desenvolvidas na AM no âmbito do TF, são a resistência e a força do trem inferior**, esta verificou-se na totalidade, pelas respostas dos entrevistados à questão número três; as capacidades físicas mais desenvolvidas na AM no âmbito do TF são a resistência e a força ao nível do trem inferior. Isto é o reflexo directo do TF na AM ser muito vocacionado para a obtenção de uma boa base aeróbia desenvolvida essencialmente através da corrida contínua, do Fartlek e da MARCOR, deixando por vezes de lado, já que o horário disponível é reduzido, o desenvolvimento de outras capacidades, como a flexibilidade, que se constitui como um reforçador da resistência, no que respeita à recuperação da fadiga, reduzindo ainda o risco de lesões.

Relativamente à quarta hipótese: **As capacidades desenvolvidas no âmbito do TF na AM que foram efectivamente necessárias nas actuais FND, nos diferentes teatros de operações, são as capacidades físicas, ao nível da resistência, e as capacidades psicológicas, ao nível da abnegação e do espírito de sacrifício**, esta verificou-se na totalidade, podendo no entanto ser complementada pelas respostas dos entrevistados às questões número sete e oito; as capacidades físicas mais solicitadas foram a resistência e força ao nível do trem inferior, e as capacidades psicológicas ao nível da abnegação e do espírito de sacrifício. Essas necessidades foram sentidas essencialmente nas missões de CRC, e de Patrulhas Apeadas, dado que o ambiente era adverso, média e alta montanha, em que o ar é rarefeito, tornando por isso o esforço muito mais intenso; no TO do Kosovo há

ainda a referir que a progressão era dificultado devido à neve, e no TO do Afeganistão esta era dificultada devido ao calor intenso. Outro factor que intensificou estas necessidades foi a falta de tempo de descanso, o que origina que fadiga momentânea se vá acumulando, tornando fundamentais a capacidade física ao nível da resistência e as capacidades psicológicas referidas na hipótese para um bom desempenho na missão.

6.2 CONCLUSÕES FINAIS

Através da verificação das hipóteses que foram formuladas inicialmente, foi possível adquirir informação importante no sentido de responder à questão central desta investigação: ***“De que forma o Treino Físico na Academia Militar contribui para a aquisição de competências necessárias ao futuro Oficial de Infantaria?”***

O TF na AM desenvolve fundamentalmente a competência física, no entanto, como esta se divide nas três vertentes atrás referidas, acaba por desenvolver capacidades primordiais para o futuro Oficial de Infantaria conseguir um bom desempenho no cumprimento das missões que lhe possam ser atribuídas. Considera-se ainda que o TF na AM desenvolve também competências cognitivas, nomeadamente, na metodologia de treino, possibilitando assim que os Oficiais de Infantaria consigam treinar e preparar os seus homens para os esforços que irão encontrar na missão, tendo assim uma noção mais exacta de quais as capacidades que cada um dos homens tem, e quando se encontram no pico de forma.

Desta forma, consideramos crucial que na AM, enquanto local de formação dos futuros Oficiais de Infantaria, o TF assuma uma maior importância, e se torne cada vez mais dinâmico e completo, com vista a desenvolver as capacidades que foram atrás apontadas como deficitárias de desenvolvimento, pois como vimos a competência física é uma das peças chave para o bom desempenho do Oficial de Infantaria no cumprimento das suas missões.

6.3 RECOMENDAÇÕES

Tendo em conta o exposto ao longo do trabalho e como complemento às conclusões tiradas do estudo será adequado apontar como recomendações complementares as seguintes:

- A formação na AM deve manter-se em constante actualização, mediante as missões que são atribuídas às FND nos TO para os quais Portugal se encontra a projectar forças.

- A formação no âmbito do TF deve ser complementada, no que respeita às capacidades físicas, velocidade e flexibilidade e às capacidades técnicas, correr, saltar, nadar e transpor obstáculos equipado.
- A formação no âmbito do TF deve tentar inserir um maior número possível de provas de decisão, com vista ao desenvolvimento das capacidades psicológicas dos futuros Oficiais;
- A formação no âmbito do TF deve continuar a servir para atribuir uma condição física de base; no entanto, o GDEFD deve entrar em coordenação com o GDFGM, para que se incluam treinos que simulem tanto quanto possível as situações reais;
- A formação ao nível da técnica pedagógica do TF deve ser reforçada.

6.4 LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO

Na realização deste trabalho de investigação foram encontradas algumas limitações que dificultaram a elaboração do mesmo.

É de salientar que a janela temporal e o limite de páginas se consideram de uma forma geral insuficientes para a realização de um trabalho desta natureza.

A diversidade de unidades existentes e o facto de se querer entrevistar e estudar situações em ambiente real, ou seja, em ambiente operacional, tornou-se numa dificuldade, no entanto, este aspecto transformou-se numa motivação acrescida na execução do presente trabalho.

6.5 INVESTIGAÇÕES FUTURAS

Tendo em conta as limitações apresentadas anteriormente, existe plena noção de que este tema não foi de todo esgotado.

Como tal, fica a proposta de que se faça anualmente um levantamento das necessidades sentidas no âmbito da competência física nos diferentes TO em que Portugal participe com projecção de forças e que o TF na AM procure desenvolvê-las.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

BRAGADA, João (2000) *Desenvolvimento das Competências Motoras em jovens atletas* (2ªed). Lisboa. UTL – FMH.

CARDIM, José; MIRANDA, Rosaria (2007). *O Universo das Profissões: Da qualificação às competências e à evolução profissional*. Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

CONTRAMESTRE, J. (2004) *Percepções de Saúde e Aptidão Física de Estudantes Universitários de uma Instituição Militar*. Tese de mestrado publicada, Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.

DIRECÇÃO DE ENSINO (2008) *Orientações para Redacção de Trabalhos*. Lisboa. Academia Militar.

GODINHO, V. (1927) *Introdução ao estudo do Combate da Infantaria*. Famalicão. Tipografia Minerva.

GUERRA, I. (2006) *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e Formas de Uso*. Estoril. Principia Editora.

HEADQUARTERS DEPARTMENT OF THE ARMY (1998) *Physical Fitness Training (FM 21-20)*. Washington, DC.

OLIVEIRA, R. (1998) *As Lombalgias nas crianças e adolescentes: estudo epidemiológico na região da Grande Lisboa*. Tese (Mestrado). Lisboa. FMH - UTL.

PEREIRA, Celestino Marques (1954) *Treino Físico Militar: Relatório Referente à Representação Portuguesa, no Estágio de Bosön (Suécia)*, Organizado pelo «Conseil International du Sport Militaire» (C.I.S.M.). Lisboa

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO (1987) *Regulamento de Campanha “Operações”*. Lisboa

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO (2002). *Regulamento de Educação Física do Exército*. Lisboa.

RODRIGUES, Joaquim Chito (1961) *Combate Corpo a Corpo*. Lisboa. Academia Militar.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5ªed.). Lisboa. Grávida.

SARMENTO, Manuela (2008). *Guia Prático sobre Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada* (2ªed.). Lisboa. Universidade Lusíada Editora.

TAVARES, F. (1998) *Introdução ao Estudo das Capacidades Motoras* (4ªed.) Lisboa. UTL – FMH.

VEALEY, R. S. (1988). *Future directions in psychological skills training*. The Sport Psychologist, New Jersey.

VEALEY, R. S. (2007). *Mental skills training in sport*. In G. Tenenbaum & Robert C. Eklund (Eds), *Handbook of Sport Psychology* (3ªed.). New Jersey.

VIANA, M. & CRUZ, J. (1996). *Atenção e concentração na competição desportiva*. In J. Cruz (Ed.), *Manual de Psicologia do Desporto*, Braga: Sistemas humanos e Organizacionais, Ltd.

YIN, Robert (1994). *Case Study Research: Design and Methods* (2ª Ed) Thousand Oaks, CA: SAGE Publications

PERIÓDICOS

ACADEMIA MILITAR (1957) *Anuário da Escola do Exército 1956/1957*. Lisboa. Academia Militar.

DUGUÉ, E. (1999) *La logique de la compétence: le retour du passé*. *Education Permanente* nº 140.

GARCIA, Ley; ANTÃO Gualdino; SANTOS, Rute (2006). *Competências, Motor de Desenvolvimento da Gestão de Recursos Humanos*. *Revista de Psicologia Militar* Nº16, 283 – 298.

MASSADA, L. (1989b) *Prevenção das Lesões no desporto*. *Revista Horizonte*, v.5, nº7, p. 163-170.

SILVA, Andrade; LAVADO; CRUZ; SILVA, P.; BASTOS; ROSINHA; ANTÃO (2006). *Das Competências à Excelência: Modelo de Competências do Oficial do Exército Oriundo da Academia Militar*. *Revista de Psicologia Militar* Nº16, 07 – 39.

ACADEMIA MILITAR (2009) *Plano Formação Militar*. Lisboa. Academia Militar

MONOGRAFIAS

CASCÃO, Ferreira (2004). *Entre a Gestão de Competências e a Gestão de Conhecimento: Um Estudo Exploratório de Inovações na Gestão das Pessoas*. Lisboa. Editora RH.

LEGISLAÇÃO

Decreto-Lei n.º 236/99 de 25 de Junho - Estatuto dos Militares das Forças Armadas (EMFAR)

Decreto-Lei n.º 231/2009 de 15 de Setembro - Lei Orgânica do Exército (LOE)

Quadro Orgânico (2007), Nº 30.1.00 da Academia Militar

ENDEREÇOS ELECTRÓNICOS

www.academiamilitar.pt

Endereço electrónico acedido em 10 de Março de 2010

APÊNDICES

APÊNDICE A

GUIÃO DAS ENTREVISTAS



ACADEMIA MILITAR

Direcção de Ensino

Mestrado em Ciências Militares - Especialidade Infantaria

ENTREVISTA


O Treino Físico na Academia Militar e o perfil de competências do Oficial de Infantaria

AUTOR: Aspirante INF João André Moio Pereira

ORIENTADOR: Major INF José Marques

LISBOA, AGOSTO DE 2010

QUESTIONÁRIO CARACTERIZADOR

| | |
|---|---|
|  | <p align="center">Academia Militar <i>O Treino Físico na Academia Militar e o Perfil de Competências do Oficial de Infantaria</i></p> <p align="center">Questionário Caracterizador</p> |
|---|---|

Este questionário destina-se a aplicar num estudo sobre o treino físico na Academia Militar e o perfil de competências do oficial de Infantaria. Para isso pedimos a sua colaboração. Agradecemos que responda com precisão e sinceridade às questões. Aquilo que desejamos saber é a sua opinião.

Os dados serão tratados com confidencialidade e não há necessidade de se identificar, sendo as respostas individuais apenas do conhecimento da equipa de investigadores.

A análise dos resultados obtidos terá o propósito de definir se as competências desenvolvidas pelo treino físico ministrado na Academia Militar se adequam às missões atribuídas nos Teatros de Operações em que Portugal tem participado.

Obrigado por preencher este questionário e por participar nesta investigação.

→ **Posto:**

→ **Unidade:**

→ **Arma:**

→ **Teatro (s) de Operações em que participou:**

→ **Ano da (s) FND em que participou:**

→ **Unidade (s) pela (s) qual (ais) participou na FND:**

→ **Função que desempenhou:**

→ **Currículo**

↳ Cursos de qualificação operacional:

↳ Cursos de qualificação de instrução:

↳ Outros cursos de relevo na sua formação:

Obrigado pela sua colaboração.

GUIÃO DA ENTREVISTA

1. Para si que conhecimentos e competências deve um Oficial de Infantaria possuir?

2. Que peso/importância relativa atribuiria ao Treino Físico na Academia Militar, na obtenção dos conhecimentos e competências referidos na questão anterior?

Parte II

Nas próximas perguntas após responder, classifique o seu nível de desenvolvimento de 1 a 5, sendo 1 - desenvolveu pouco, e 5 - desenvolveu muito.

3. Que capacidades físicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|---------------------|-------------|---------------|
| Resistência | | |
| Velocidade | | |
| Força trem superior | | |
| Força tem inferior | | |
| Flexibilidade | | |

4. Que capacidades psicológicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|----------------------------|-------------|---------------|
| Atenção | | |
| Concentração | | |
| Abnegação | | |
| Controlo do estado Emotivo | | |
| Espírito de Sacrificio | | |
| | | |
| | | |

5. Que capacidades técnicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|------------------------------|-------------|---------------|
| Correr equipado | | |
| Transpor Obstáculos equipado | | |
| Saltar equipado | | |
| Nadar equipado | | |

Parte III

6. Que tipo de missões foram atribuídas à sua força na FND em que participou?

7. A que tipo de esforço físico estiveram sujeitos, ou poderiam estar sujeitos durante o cumprimento das missões no caso de alguma contingência? Dê exemplos.

8. Quais as capacidades físicas que na sua opinião foram mais solicitadas durante o cumprimento das missões?

9. De que forma a instrução de Treino Físico que teve durante a frequência do Curso de Infantaria da Academia Militar o ajudaram tanto na execução como na preparação para a FND?

APÊNDICE B

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista N.º 1

Data: 30 de Julho de 2010

Via Correio Electrónico: Sim

Posto: Tenente

Unidade: CTOE

Arma: Infantaria

Teatro de Operações em que participou: Kosovo

Ano da FND em que participou: 2010

Unidade pela qual participou na FND: 2BIPara/ RI10

Função que desempenhou: Comandante do Módulo de Apoio

Currículo

- **Cursos de qualificação operacional:** Curso de Tiro; Curso Elementar de Operações de Apoio à Paz; Curso de Áreas Edificadas; Curso de Sapadores, Curso de Paraquedismo Militar, Curso de Operações Especiais.
- **Cursos de qualificação de instrução:** Curso Formação Pedagógica Inicial de Formadores.
- **Outros cursos de relevo na sua formação:** Estágio de Protecção Pessoal.

1. Para si que conhecimentos e competências deve um Oficial de Infantaria possuir?

R: O Oficial de Infantaria deve ter competências técnico-táticas acima de qualquer outro oficial e conhecimentos alargados no que se reporta à área militar. Importa também referir que um oficial de Infantaria tem que ser um exemplo, tanto a nível físico como a nível técnico para ter a confiança dos seus homens. (Comandar através do exemplo).

2. Que peso/importância relativa atribuiria ao Treino Físico na Academia Militar, na obtenção dos conhecimentos e competências referidos na questão anterior?

R: O Treino Físico nos anos que estudei Academia Militar (Amadora) teve pouca importância/ peso na obtenção dos conhecimentos e competências. Só adquirir verdadeiramente esses conhecimentos e competências durante o tempo que estive no TPOI, pois é na EPI que nos conseguem formar como verdadeiros Oficiais. Digo isto porque conseguimos saber qual é o nosso limite, põem-nos à prova em situações complicadas e é onde apreendemos a maior parte dos conhecimentos e competências.

Parte II

Nas próximas perguntas após responder, classifique o seu nível de desenvolvimento de 1 a 5, sendo 1 - desenvolveu pouco, e 5 - desenvolveu muito.

3. Que capacidades físicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|---------------------|-------------|---------------|
| Resistência | Sim | 4 |
| Velocidade | Sim | 2 |
| Força trem superior | Sim | 3 |
| Força tem inferior | Sim | 4 |
| Flexibilidade | Não | - |

4. Que capacidades psicológicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|----------------------------|-------------|---------------|
| Atenção | Sim | 3 |
| Concentração | Sim | 3 |
| Abnegação | Sim | 5 |
| Controlo do estado Emotivo | Sim | 5 |
| Espírito de Sacrifício | Sim | 5 |

5. Que capacidades técnicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|------------------------------|-------------|---------------|
| Correr equipado | Sim | 2 |
| Transpor Obstáculos equipado | Sim | 2 |
| Saltar equipado | Sim | 3 |
| Nadar equipado | Sim | 3 |

Parte III

6. Que tipo de missões foram atribuídas à sua força na FND em que participou?

R: O Destacamento de Operações Especiais efectua as seguintes missões: Contactos com as LMT's (Laisson Monitoring Team) e as FHT's (Field Humint Teams); Contactos

para recolha de Informação; Parelhas Sniper para Operações de CRC (Crowd Riot Control); Seguimento e vigilância; Protecção Pessoal.

7. A que tipo de esforço físico estiveram sujeitos, ou poderiam estar sujeitos durante o cumprimento das missões no caso de alguma contingência? Dê exemplos.

R: Neste tipo de missões o esforço físico é irrelevante. Todos os reconhecimentos e vigilâncias efectuadas são de viatura.

8. Quais as capacidades físicas que na sua opinião foram mais solicitadas durante o cumprimento das missões?

R: A capacidade mais solicitada foi a resistência.

9. De que forma a instrução de Treino Físico que teve durante a frequência do Curso de Infantaria da Academia Militar o ajudaram tanto na execução como na preparação para a FND?

R: No tipo missão que estou a executar teve muito pouco.

Entrevista N.º 2

Data: 2 de Agosto de 2010

Presencial: Sim

Local: 1º BIMec

Posto: Tenente

Unidade: 1º BIMec

Arma: Infantaria

Teatro de Operações em que participou: Kosovo

Ano da FND em que participou: 2009/2010

Unidade pela qual participou na FND: 1º BIMec/KTM

Função que desempenhou: Comandante de Pelotão de atiradores

Currículo/

- **Cursos de qualificação operacional:** Curso de Operações de Apoio à Paz, Curso de Oficial de Tiro, Curso de Combate em Áreas Edificadas, Curso de Controlo de Tumultos.
- **Cursos de qualificação de instrução:** Curso Formação Pedagógica Inicial de Formadores.
- **Outros cursos de relevo na sua formação:** Nada a referir.

1. Para si que conhecimentos e competências deve um Oficial de Infantaria possuir?

R: Na minha opinião, qualquer Oficial de Infantaria deve ter Competência Física, Competência Técnica, Competência Moral, deve mostrar Iniciativa e deve ser um Líder, em qualquer função, especialmente quando está em funções de Comando.

2. Que peso/importância relativa atribuiria ao Treino Físico na Academia Militar, na obtenção dos conhecimentos e competências referidos na questão anterior?

R: Tal como referi na resposta anterior, a competência física, ou seja, a robustez e desembaraço físico de um Oficial de Infantaria, representa para mim, uma quinta parte daquilo que eu considero essencial para este. Desta forma, o Treino Físico na AM deveria ser considerado ainda mais importante, e dado de forma integrada com os outros conhecimentos e competências, que se exigem de um Oficial de Infantaria.

Parte II

Nas próximas perguntas após responder, classifique o seu nível de desenvolvimento de 1 a 5, sendo 1 - desenvolveu pouco, e 5 - desenvolveu muito.

3. Que capacidades físicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|---------------------|-------------|---------------|
| Resistência | Sim | 4 |
| Velocidade | Não | - |
| Força trem superior | Sim | 3 |
| Força tem inferior | Sim | 4 |
| Flexibilidade | Não | - |

4. Que capacidades psicológicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|----------------------------|-------------|---------------|
| Atenção | Não | - |
| Concentração | Sim | 4 |
| Abnegação | Sim | 4 |
| Controlo do estado Emotivo | Sim | 2 |
| Espírito de Sacrifício | Sim | 5 |

5. Que capacidades técnicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|------------------------------|-------------|---------------|
| Correr equipado | Sim | 2 |
| Transpor Obstáculos equipado | Sim | 2 |
| Saltar equipado | Sim | 3 |
| Nadar equipado | Sim | 3 |

Parte III

6. Que tipo de missões foram atribuídas à sua força na FND em que participou?

R: Ao Pelotão de Atiradores que comandeï, foram atribuídas, entre outras, as Missões: Reconhecimento de Área, Reconhecimento de Itinerários, Patrulhas Montadas e Apeadas, Patrulhas Montadas e Apeadas Conjuntas, Monitorização de Área e de Itinerários (PatMont e PO/PE), Patrulhas de Proximidade à População, Segurança a Instalações. Durante a maior parte do tempo em Missão, estivemos de prevenção, por sermos a reserva da KFOR, com 8 ou 4 horas de “Notice To Move”, preparados para Controlo de Tumultos (CRC). Para este fim, o treino de tarefas de CRC foi intensificado. Participámos também em inúmeras demonstrações de CRC, nomeadamente em conjunto com forças internacionais.

7. A que tipo de esforço físico estiveram sujeitos, ou poderiam estar sujeitos durante o cumprimento das missões no caso de alguma contingência? Dê exemplos.

R: Em Operações, estivemos sujeitos, sobretudo a cansaço físico devido a privação do sono e exposição prolongada aos elementos (frio intenso, chuva, neve e ventos fortes). Em Treino, especialmente de tarefas de CRC, como se pretendia o mais realista possível, o esforço físico é bastante completo, pois o CRC exige resistência (ex: aguentar várias horas na mesma posição, com carga, com máscara de gás, e a sofrer pressão da multidão), rapidez (ex: quando se efectua uma carga para dispersar a multidão), e força (ex: quando se usa o escudo e o bastão para dispersar a multidão).

8. Quais as capacidades físicas que na sua opinião foram mais solicitadas durante o cumprimento das missões?

R: Foi, no meu entender, a resistência, a capacidade mais exigida em todas as operações incluindo no treino.

9. De que forma a instrução de Treino Físico que teve durante a frequência do Curso de Infantaria da Academia Militar o ajudaram tanto na execução como na preparação para a FND?

R: Como se pretende que o Treino Físico seja contínuo, posso dizer que a AM foi o início da minha preparação física para a FND. No entanto, para mim foi mais importante o conhecimento da prática pedagógica do Treino Físico, que aprendi na AM, e que pude aplicar ao meu Pelotão, desde a fase de preparação em Portugal até ao fim da missão. Esse conhecimento que adquiri na AM foi fundamental, e pude assistir diariamente aos bons resultados que daí vieram.

Entrevista N.º 3

Data: 3 de Agosto de 2010

Presencial: Sim

Local: RI13

Posto: Tenente

Unidade: RI13

Arma: Infantaria

Teatro de Operações em que participou: Kosovo

Ano da FND em que participou: 2008

Unidade pela qual participou na FND: RI13/Agr Mike

Função que desempenhou: Comandante de Pelotão de atiradores

Currículo/

- **Cursos de qualificação operacional:** Curso de Operações de Apoio à Paz; Curso de Combate em Áreas Edificadas, Curso de Paraquedismo Militar; Curso Chefe Viatura VBR PANDUR.
- **Cursos de qualificação de instrução:** Curso Formação Pedagógica Inicial de Formadores; Curso de Instrutor de Tiro de Combate.
- **Outros cursos de relevo na sua formação:** Curso Treinador Basquetebol nível 1.

1. Para si que conhecimentos e competências deve um Oficial de Infantaria possuir?

R: Um Oficial de Infantaria deve possuir as competências tanto a nível tático, como técnico, como físico que o habilitem a desempenhar todas as missões inerentes à sua função. Deve ainda possuir uma conduta profissional enquadrada com a instituição e irrepreensível em termos éticos. Deve ser portanto um líder que comanda pelo exemplo.

2. Que peso/importância relativa atribuiria ao Treino Físico na Academia Militar, na obtenção dos conhecimentos e competências referidos na questão anterior?

R: Atribuo a elevada importância que neste momento já tem na academia, bem como no TPO, que aí eleva ainda mais a importância quer no desenvolvimento físico e psicológico, quer no aproveitamento escolar. Isto na medida em que o treino físico nos dá a conhecer a nós próprios, e nos torna capazes manter um controlo emocional que nos permite tomar decisões sob condições adversas.

Parte II

Nas próximas perguntas após responder, classifique o seu nível de desenvolvimento de 1 a 5, sendo 1 - desenvolveu pouco, e 5 - desenvolveu muito.

3. Que capacidades físicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|---------------------|-------------|---------------|
| Resistência | Sim | 5 |
| Velocidade | Sim | 2 |
| Força trem superior | Sim | 3 |
| Força tem inferior | Sim | 5 |
| Flexibilidade | Sim | 2 |

4. Que capacidades psicológicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|----------------------------|-------------|---------------|
| Atenção | Sim | 3 |
| Concentração | Sim | 4 |
| Abnegação | Sim | 4 |
| Controlo do estado Emotivo | Sim | 4 |
| Espírito de Sacrifício | Sim | 5 |

5. Que capacidades técnicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|------------------------------|-------------|---------------|
| Correr equipado | Sim | 2 |
| Transpor Obstáculos equipado | Sim | 2 |
| Saltar equipado | Sim | 3 |
| Nadar equipado | Sim | 1 |

Parte III

6. Que tipo de missões foram atribuídas à sua força na FND em que participou?

R: Missões de patrulhamento (motorizado e apeado), VCP; CRC.

7. A que tipo de esforço físico estiveram sujeitos, ou poderiam estar sujeitos durante o cumprimento das missões no caso de alguma contingência? Dê exemplos.

R: No caso de CRC o esforço dispendido nos exercícios que tive foi de alguma intensidade, quer pela força, explosão e rapidez dos movimentos, quer pela capacidade de resistência e de abnegação aquando em espera com todo o equipamento. No caso dos patrulhamentos apeados (tendo em conta que foram feitos na montanha e com todo o equipamento) denotei um esforço físico fora do normal a nível de membros inferiores, já que grande parte destes movimentos foram feitos na neve.

8. Quais as capacidades físicas que na sua opinião foram mais solicitadas durante o cumprimento das missões?

R: Resistência, força (trem inferior).

9. De que forma a instrução de Treino Físico que teve durante a frequência do Curso de Infantaria da Academia Militar o ajudaram tanto na execução como na preparação para a FND?

R: O Treino físico na AM garante-nos um conhecimento amplo de todo o espectro de Treino que se pode fazer para desenvolver a nossa capacidade física e psicológica. De tal forma que quando iniciamos uma preparação para FND, temos a noção do tipo de exercícios e esforços que podemos pedir aos nossos homens, conjugando este factor com os picos de esforço, para podermos tê-los no auge de capacidade física nos pontos que queremos. Ex: nos primeiros 2 meses de preparação devemos fazer muito treino aeróbio para podermos secar as gorduras e colocar o pessoal no patamar físico que pretendemos para iniciar outro tipo de TF, este já vocacionado para cada tipo de tarefa que possamos desempenhar. Esta evolução é sempre acompanhada por nos (Oficiais de Infantaria), na medida em que sofro o mesmo treino que os meus homens, e por conseguinte apercebo-me das dificuldades que passam, mas também sei quando eles vão estar no seu pico de forma.

Entrevista N.º 4

Data: 30 de Julho de 2010

Presencial: Sim

Local: EPI

Posto: Tenente

Unidade: EPI

Arma: Infantaria

Teatro de Operações em que participou: Kosovo

Ano da FND em que participou: 2009

Unidade pela qual participou na FND: RI13

Função que desempenhou: Comandante de Pelotão de atiradores

Currículo/

- **Cursos de qualificação operacional:** Curso de Paraquedismo Militar; Curso Chefe Viatura VBR V200.
- **Cursos de qualificação de instrução:** Curso Formação Pedagógica Inicial de Formadores.
- **Outros cursos de relevo na sua formação:** Nada a referir.

1. Para si que conhecimentos e competências deve um Oficial de Infantaria possuir?

R: Um Oficial de Infantaria deve acima de tudo deve primar pelo carácter e pela forma de estar, que se vão demarcar ao longa da sua carreira, deve ser humano, deve saber lidar com os homens. Deve saber comandar e saber liderar. Deve ter uma boa condição física, sem a qual não consegue cumprir qualquer missão, deve portanto ter boas capacidades físicas, boas capacidades psicológicas, rusticidade, isto porque o facto de se sentir capaz de realizar qualquer missão vai influenciar na acção. Deve ainda possuir competências na parte técnica, do cariz militar, o saber fazer, o estar apto a, a vontade e saber transmitir e contagiar essa vontade de fazer, ser camarada e incitar à camaradagem. Deve ter uma grande flexibilidade, porque hoje o espectro das operações exige uma grande flexibilidade, e capacidade de adaptação. Um bom comandante não é necessariamente o melhor, mas é certamente o que melhor se adapta.

2. Que peso/importância relativa atribuiria ao Treino Físico na Academia Militar, na obtenção dos conhecimentos e competências referidos na questão anterior?

R: Sem dúvida que teve um grande peso na minha formação, não só ao nível de capacidade física, de robustez física, ao nível muscular, mas também à robustez psicológica, a vontade, o saber que sou capaz de fazer. Também na parte técnica, o saber como melhor executar, como melhor me preparar para realizar qualquer tarefa a nível físico, e um grande exemplo disso é na realização das pistas, ou mesmo a natação. Para mim considero mais importante o desenvolvimento da parte psicológica, porque a parte física e a parte técnica é uma questão de treino, e rapidamente se volta a atingir de novo um bom nível de condição física e de capacidade técnica. Enquanto que a capacidade psicológica é algo que fica, o espírito de sacrifício, o pensar eu sou capaz, o pensar eu quero por isso consigo, são coisas que ficam.

Parte II

Nas próximas perguntas após responder, classifique o seu nível de desenvolvimento de 1 a 5, sendo 1 - desenvolveu pouco, e 5 - desenvolveu muito.

3. Que capacidades físicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|---------------------|-------------|---------------|
| Resistência | Sim | 4 |
| Velocidade | Sim | 2 |
| Força trem superior | Sim | 2 |
| Força tem inferior | Sim | 4 |
| Flexibilidade | Sim | 2 |

4. Que capacidades psicológicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|----------------------------|-------------|---------------|
| Atenção | Sim | 4 |
| Concentração | Sim | 4 |
| Abnegação | Sim | 4 |
| Controlo do estado Emotivo | Sim | 4 |
| Espírito de Sacrifício | Sim | 3 |

5. Que capacidades técnicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|------------------------------|-------------|---------------|
| Correr equipado | Sim | 2 |
| Transpor Obstáculos equipado | Sim | 3 |
| Saltar equipado | Sim | 3 |
| Nadar equipado | Sim | 3 |

Parte III

6. Que tipo de missões foram atribuídas à sua força na FND em que participou?

R: Nos éramos a reserva táctica da KFOR, como tal realizávamos: Patrulhas Apeadas e Montadas; Vigilância em controlo fronteiriço; CRC; “Notice to Move” para CRC.

7. A que tipo de esforço físico estiveram sujeitos, ou poderiam estar sujeitos durante o cumprimento das missões no caso de alguma contingência? Dê exemplos.

R: No CRC há que aguentar a pressão da multidão, totalmente equipado, e em CRC anda-se equipado com colete balístico, para além do restante equipamento. Em casos que se podem estender por uma, duas, três horas seguidas, que podem ser estáticos e de um momento para o outro se espoletar um incidente e temos que ser rápidos a

dispersar a multidão, sob condições climáticas adversas, de inverno é muito frio e muita neve, e no verão as temperaturas oscilam entre os 35 e os 40 °C, é bastante desgastante. Para além das patrulhas apeadas que pela sua natureza são extremamente fatigantes, uma vez que temos de transportar connosco o nosso equipamento, meios rádio, etc.

8. Quais as capacidades físicas que na sua opinião foram mais solicitadas durante o cumprimento das missões?

R: Sem dúvida alguma a resistência, e a força a nível do trem inferior.

9. De que forma a instrução de Treino Físico que teve durante a frequência do Curso de Infantaria da Academia Militar o ajudaram tanto na execução como na preparação para a FND?

R: Permitiu-me conhecer as minhas capacidades, e isso é muito importante aquando a recepção de uma missão, o saber se sou capaz de a realizar, e se os meus homens, mediante o treino que lhes ministrei, também são capazes. E isto é uma coisa que se desenvolve através do treino físico na Academia, mas essencialmente no TPOI. Outra coisa em que me ajudou bastante foi a ministrar treino físico aos meus homens de forma a prepara-los, e preparar-me a mim para a missão, a prática de treino físico na Academia é muito metódica e faz-nos aprender como desenvolver as capacidades que queremos.

Entrevista N.º 5

Data: 30 de Julho de 2010

Via Correio Electrónico: Sim

Posto: Tenente

Unidade: RI10

Arma: Infantaria

Teatro de Operações em que participou: Kosovo

Ano da FND em que participou: 2010

Unidade pela qual participou na FND: 2BIPara/ RI10

Função que desempenhou: Comandante de Pelotão de atiradores

Currículo

- **Cursos de qualificação operacional:** Curso de Tiro; Curso Elementar de Operações de Apoio à Paz; Curso de Áreas Edificadas; Curso de Paraquedismo Militar; Curso NBQ, Curso de Anti-Carro.
- **Cursos de qualificação de instrução:** Curso Formação Pedagógica Inicial de Formadores.
- **Outros cursos de relevo na sua formação:** Nada a referir.

1. Para si que conhecimentos e competências deve um Oficial de Infantaria possuir?

R: Todas as que necessite para desempenhar as funções e tarefas que lhe são incumbidas, tanto ao nível técnico, como tático, como físico. Sendo a formação demasiada genérica e abrangente, é necessário que cada um faça uma revisão, quanto mais não seja teórica, para abordar cada função com um conhecimento mínimo. A formação dá-nos ferramentas para o futuro, não nos prepara para um desempenho sem erros, portanto cabe a cada um explorar ao máximo o que lhe compete, para estar em sintonia com a realidade.

2. Que peso/importância relativa atribuiria ao Treino Físico na Academia Militar, na obtenção dos conhecimentos e competências referidos na questão anterior?

R: O treino físico é um culto que deve estar sempre presente durante toda a vida de um militar, em especial nas tropas especiais. Relativamente ao peso/importância na formação, serve para testar os cadetes a situações diversas como: obstáculos de decisão, provas de rusticidade, provas de resistência, e de conhecimento geral. No futuro essas provas dão confiança e conhecimento próprio a cada um para ultrapassar novas barreiras. No entanto só no TPOI a componente da resistência, rusticidade e discernimento mental sejam mais trabalhados.

Parte II

Nas próximas perguntas após responder, classifique o seu nível de desenvolvimento de 1 a 5, sendo 1 - desenvolveu pouco, e 5 - desenvolveu muito.

3. Que capacidades físicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|---------------------|-------------|---------------|
| Resistência | Sim | 4 |
| Velocidade | Sim | 2 |
| Força trem superior | Sim | 2 |
| Força trem inferior | Sim | 3 |
| Flexibilidade | Sim | 2 |

4. Que capacidades psicológicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|----------------------------|-------------|---------------|
| Atenção | Sim | 4 |
| Concentração | Sim | 4 |
| Abnegação | Sim | 4 |
| Controlo do estado Emotivo | Sim | 4 |
| Espírito de Sacrifício | Sim | 3 |

5. Que capacidades técnicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|------------------------------|-------------|---------------|
| Correr equipado | Sim | 2 |
| Transpor Obstáculos equipado | Sim | 3 |
| Saltar equipado | Sim | 3 |
| Nadar equipado | Sim | 3 |

Parte III

6. Que tipo de missões foram atribuídas à sua força na FND em que participou?

R: Operar Checkpoint Móvel, Escolta de Viaturas, Barragem de Itinerário (CRC), Patrulhas, Serviço de Segurança ao Aquartelamento e Reconhecimentos vários.

7. A que tipo de esforço físico estiveram sujeitos, ou poderiam estar sujeitos durante o cumprimento das missões no caso de alguma contingência? Dê exemplos.

R: Numa operação estivemos equipados com o equipamento CRC mais colete balístico, arma individual, extintores, mochilas com água, cerca de 8 horas com uma temperatura média de 32°C. Estando de serviço de segurança ao aquartelamento e sair de manhã cedo para um exercício de três dias em que não houveram períodos normais de descanso. Estar o pelotão todo a correr fora do aquartelamento a cerca de 15km, e ter 30 minutos para reunir toda a gente, regressar e equipar rapidamente para CRC, ser projectado de helicóptero para intervir numa situação real, tendo alguns tomando a sua primeira refeição do dia às 15h da tarde sobre uma temperatura média de 30°C.

8. Quais as capacidades físicas que na sua opinião foram mais solicitadas durante o cumprimento das missões?

R: A capacidade mais solicitada foi a resistência.

9. De que forma a instrução de Treino Físico que teve durante a frequência do Curso de Infantaria da Academia Militar o ajudaram tanto na execução como na preparação para a FND?

R: A formação na academia no âmbito do treino físico, prepara-nos de certa forma para garantirmos o nível de execução quando nos deparamos com situações difíceis. Na verdade, a resistência física e psicológica são muito importantes para as situações de mais empenhamento e desgaste. E, como comandantes, estamos em iguais circunstâncias com os demais, mas com a responsabilidade de estarmos atentos a tudo desde o planeamento, execução e normais contingências.

Entrevista N.º 6

Data: 30 de Julho de 2010

Via Correio Electrónico: Sim

Posto: Tenente

Unidade: RG1

Arma: Infantaria

Teatro de Operações em que participou: Kosovo

Ano da FND em que participou: 2010

Unidade pela qual participou na FND: 2BIPara/ RI10

Função que desempenhou: Comandante de Pelotão de reconhecimento

Currículo

- **Cursos de qualificação operacional:** Nada a referir.
- **Cursos de qualificação de instrução:** Curso Formação Pedagógica Inicial de Formadores.
- **Outros cursos de relevo na sua formação:** Nada a referir.

1. Para si que conhecimentos e competências deve um Oficial de Infantaria possuir?

R: Deve ter os conhecimentos técnicos e táticos nas matérias ministradas ao nível do exército, onde inclui o treino físico, necessários para desempenhar as suas funções.

2. Que peso/importância relativa atribuiria ao Treino Físico na Academia Militar, na obtenção dos conhecimentos e competências referidos na questão anterior?

R: Foi bastante importante para o desenvolver desses conhecimentos, uma vez que permitiu uma estrutura base capaz de discernir perante diversas adversidades.

Parte II

Nas próximas perguntas após responder, classifique o seu nível de desenvolvimento de 1 a 5, sendo 1 - desenvolveu pouco, e 5 - desenvolveu muito.

3. Que capacidades físicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|---------------------|-------------|---------------|
| Resistência | Sim | 3 |
| Velocidade | Sim | 2 |
| Força trem superior | Sim | 2 |
| Força tem inferior | Sim | 3 |
| Flexibilidade | Sim | 1 |

4. Que capacidades psicológicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|----------------------------|-------------|---------------|
| Atenção | Sim | 4 |
| Concentração | Sim | 4 |
| Abnegação | Sim | 5 |
| Controlo do estado Emotivo | Sim | 5 |
| Espírito de Sacrício | Sim | 5 |

5. Que capacidades técnicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|------------------------------|-------------|---------------|
| Correr equipado | Sim | 2 |
| Transpor Obstáculos equipado | Sim | 3 |
| Saltar equipado | Sim | 3 |
| Nadar equipado | Sim | 2 |

Parte III

6. Que tipo de missões foram atribuídas à sua força na FND em que participou?

R: Operar Checkpoint, Escolta de Viaturas, Reconhecimentos vários.

7. A que tipo de esforço físico estiveram sujeitos, ou poderiam estar sujeitos durante o cumprimento das missões no caso de alguma contingência? Dê exemplos.

R: Carregar material, quando ficámos sem viaturas. Muitas horas sem dormir, em situações de vigilância permanente.

8. Quais as capacidades físicas que na sua opinião foram mais solicitadas durante o cumprimento das missões?

R: A capacidade mais solicitada foi a resistência.

9. De que forma a instrução de Treino Físico que teve durante a frequência do Curso de Infantaria da Academia Militar o ajudaram tanto na execução como na preparação para a FND?

R: Foi através do treino físico na Academia Militar que comecei a desenvolver as minhas capacidades físicas, psicológicas e técnicas, que me permitiram, não só aguentar as fadigas decorrentes das missões atribuídas, e da falta de descanso, como preparar os meus homens para a missão.

Entrevista N.º 7

Data: 5 de Agosto de 2010

Presencial: Sim

Local: Gabinete do CEME

Posto: Tenente

Unidade: Gabinete do CEME

Arma: Infantaria

Teatro de Operações em que participou: Afeganistão

Ano da FND em que participou: 2008

Unidade pela qual participou na FND: CTC

Função que desempenhou: Comandante de Pelotão de atiradores

Currículo/

- **Cursos de qualificação operacional:** Curso de Paraquedismo Militar; Curso de Comandos, Curso NBQ, Curso de Sapadores.
- **Cursos de qualificação de instrução:** Curso Formação Pedagógica Inicial de Formadores.
- **Outros cursos de relevo na sua formação:** Nada a referir.

1. Para si que conhecimentos e competências deve um Oficial de Infantaria possuir?

R: Um Oficial deve ser um generalista, ao contrário de um sargento que deve ser um especialista, tanto em termos técnicos, como táticos, um Oficial deve saber de tudo um pouco. Fisicamente deve estar acima da média, deve-se encontrar no primeiro terço do pelotão, em relação à aptidão física. Deve ser acima de tudo um exemplo, e em casos como o meu que quando fui colocado no CTC estive a dar recruta aos homens que frequentaram depois o curso de Comandos comigo ainda mais, pois tinha os olhos deles todos posto em mim. Em termos de atitude, à que saber estar, à que estar próximo dos homens e manter uma certa distância ao mesmo tempo, há que ser justo e sensato.

2. Que peso/importância relativa atribuiria ao Treino Físico na Academia Militar, na obtenção dos conhecimentos e competências referidos na questão anterior?

R: É bastante importante na medida em que nos dá confiança, uma pessoa que esteja bem preparada fisicamente apresenta um estado mental que lhe proporciona confiança, intrinsecamente ligada com o autodomínio.

Parte II

Nas próximas perguntas após responder, classifique o seu nível de desenvolvimento de 1 a 5, sendo 1 - desenvolveu pouco, e 5 - desenvolveu muito.

3. Que capacidades físicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|---------------------|-------------|---------------|
| Resistência | Sim | 4 |
| Velocidade | Sim | 2 |
| Força trem superior | Sim | 3 |
| Força tem inferior | Sim | 4 |
| Flexibilidade | Sim | 2 |

4. Que capacidades psicológicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|----------------------------|-------------|---------------|
| Atenção | Sim | 4 |
| Concentração | Sim | 4 |
| Abnegação | Sim | 4 |
| Controlo do estado Emotivo | Sim | 4 |
| Espírito de Sacrifício | Sim | 5 |
| Conhecimento de si próprio | Sim | 4 |

5. Que capacidades técnicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|------------------------------|-------------|---------------|
| Correr equipado | Sim | 2 |
| Transpor Obstáculos equipado | Sim | 3 |
| Saltar equipado | Sim | 3 |
| Nadar equipado | Sim | 3 |

Parte III

6. Que tipo de missões foram atribuídas à sua força na FND em que participou?

R: Patrulhas apeadas e montadas e reconhecimento.

7. A que tipo de esforço físico estiveram sujeitos, ou poderiam estar sujeitos durante o cumprimento das missões no caso de alguma contingência? Dê exemplos.

R: Patrulhas apeadas na ordem dos 10, 15 quilómetros, sob elevadas temperaturas, condições de altitude, em que o ar é rarefeito e exige um esforço maior, e logo um período de adaptação. Mas por exemplo tenho plena consciência de que se fossemos emboscados no final de uma patrulha apeada, que o rendimento não seria o mesmo, visto que o pessoal acabava bastante desgastado. Dai que o treino físico deva ser o mais adaptado à realidade possível, deve haver sim o treino específico de base, mas o treino deve ser essencialmente como ele vai ser aplicado no real.

8. Quais as capacidades físicas que na sua opinião foram mais solicitadas durante o cumprimento das missões?

R: Claramente a resistência.

9. De que forma a instrução de Treino Físico que teve durante a frequência do Curso de Infantaria da Academia Militar o ajudaram tanto na execução como na preparação para a FND?

R: A instrução de Treino Físico na Academia foi o início de um grande desenvolvimento da minha condição física, que foi depois complementada tanto no TPOI, como no curso de Comandos. A partir daí é relativamente fácil “quebrar barreiras”, e ter sempre a consciência das minhas capacidades, bem como as dos meus homens, o que me permite dosear o esforço.

Entrevista N.º 8

Data: 30 de Julho de 2010

Presencial: Sim

Local: CTC

Posto: Tenente

Unidade: CTC

Arma: Infantaria

Teatro de Operações em que participou: Afeganistão

Ano da FND em que participou: 2008

Unidade pela qual participou na FND: CTC

Função que desempenhou: Comandante de Pelotão de atiradores

Currículo/

- **Cursos de qualificação operacional:** Curso de Comandos, Curso de Paraquedismo Militar; Curso NBQ.
- **Cursos de qualificação de instrução:** Curso Formação Pedagógica Inicial de Formadores.
- **Outros cursos de relevo na sua formação:** Nada a referir.

1. Para si que conhecimentos e competências deve um Oficial de Infantaria possuir?

R: O Oficial de Infantaria deve ser possuir competências técnicas, táticas e físicas, sendo que estas se constituem num dos pilares que devemos dominar inerente à nossa condição de militar, que lhe permitam desempenhar todo o leque de funções que pode desempenhar.

2. Que peso/importância relativa atribuiria ao Treino Físico na Academia Militar, na obtenção dos conhecimentos e competências referidos na questão anterior?

R: O Treino Físico na Academia Militar dá a conhecer quais as competências a possuir, mas não as trabalha o suficiente para garantir que no fim o Oficial de Infantaria as possua e aplique.

Parte II

Nas próximas perguntas após responder, classifique o seu nível de desenvolvimento de 1 a 5, sendo 1 - desenvolveu pouco, e 5 - desenvolveu muito.

3. Que capacidades físicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|---------------------|-------------|---------------|
| Resistência | Sim | 3 |
| Velocidade | Sim | 1 |
| Força trem superior | Sim | 2 |
| Força tem inferior | Sim | 3 |
| Flexibilidade | Não | - |

4. Que capacidades psicológicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|----------------------------|-------------|---------------|
| Atenção | Sim | 3 |
| Concentração | Sim | 3 |
| Abnegação | Sim | 3 |
| Controlo do estado Emotivo | Sim | 3 |
| Espírito de Sacrifício | Sim | 3 |

5. Que capacidades técnicas desenvolveu durante a frequência do Curso de Infantaria na Academia Militar?

| Capacidades | Desenvolveu | Classificação |
|------------------------------|-------------|---------------|
| Correr equipado | Sim | 2 |
| Transpor Obstáculos equipado | Sim | 3 |
| Saltar equipado | Sim | 3 |
| Nadar equipado | Sim | 3 |

Parte III

6. Que tipo de missões foram atribuídas à sua força na FND em que participou?

R: A Força foi com a missão de ser a Quick Reaction Force (QRF) da ISAF. No terreno executámos diversas missões no sentido de garantir a missão do escalão superior: Force Protection, Patrulhas, Reconhecimentos, Segurança.

7. A que tipo de esforço físico estiveram sujeitos, ou poderiam estar sujeitos durante o cumprimento das missões no caso de alguma contingência? Dê exemplos.

R: Estivemos sujeitos a todo o tipo de esforço físico (resistência, esforço acumulado, com equipamento e armamento) em variadas situações como por exemplo: patrulhas com mais de 10km com cerca de 40kg de carga num ambiente desértico com cerca de 50°C. A uma reacção a emboscada.

8. Quais as capacidades físicas que na sua opinião foram mais solicitadas durante o cumprimento das missões?

R: Todas.

9. De que forma a instrução de Treino Físico que teve durante a frequência do Curso de Infantaria da Academia Militar o ajudaram tanto na execução como na preparação para a FND?

R: O Treino Físico foi o princípio do desenvolver das minhas capacidades, que depois foi completado com o TPOI. Basicamente, deu-me a conhecer as competências a possuir, embora só no TPOI as tenha desenvolvido, de maneira a poder aplicá-las.

ANEXOS

ANEXO A

MODELO DE COMPETÊNCIAS

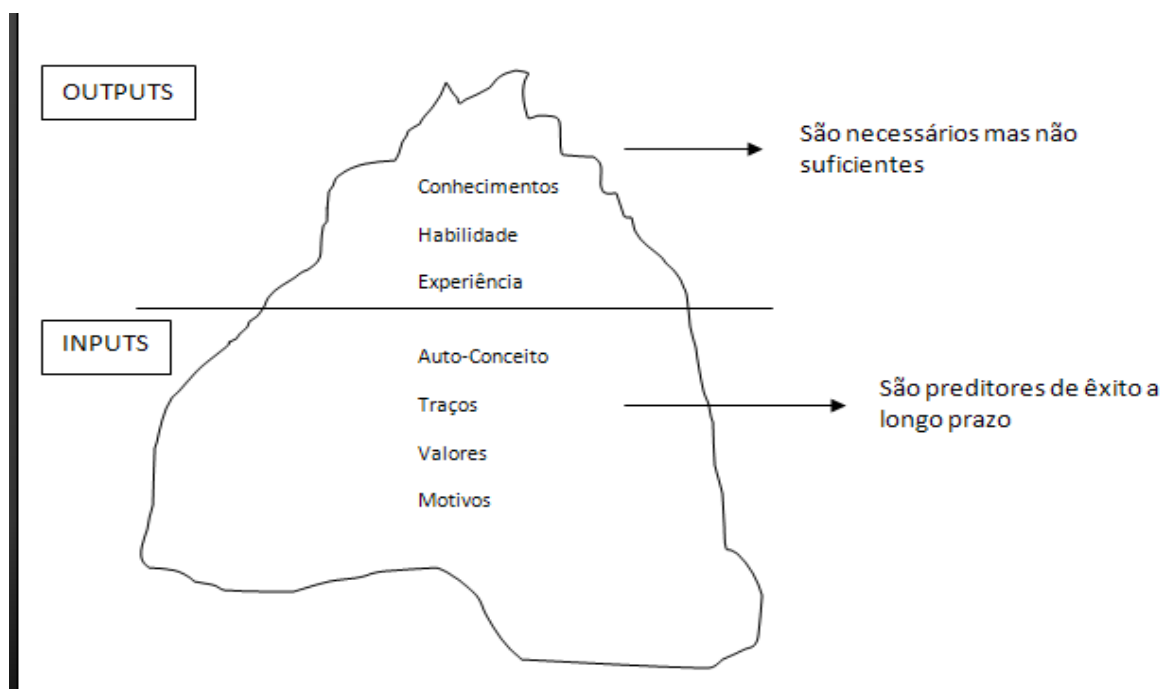


Figura 2: “Analogia do Iceberg” de Spencer & Spencer (Ceitil, 2007)

ANEXO B

EXCERTO DO ANEXO B AO PLANO DE FORMAÇÃO MILITAR

ACADEMIA MILITAR

CORPO DE ALUNOS

Grupo Disciplinar de Educação Física e Desportos

1. ORGANIZAÇÃO

- a. No presente ano lectivo (2009/2010), o Grupo Disciplinar de Educação Física e Desportos (GDEFD) está articulado em dois subgrupos, separados fisicamente, de forma a satisfazer as necessidades resultantes da transferência da 4ª Companhia para o Aquartelamento de Lisboa (AM/Sede). Contudo, a estrutura orgânica mantém-se (Apêndice A), de forma a fazer cumprir o programa curricular de cada uma das Unidades Curriculares (UC) à sua responsabilidade, concretamente Educação Física I, Educação Física II, Educação Física III e Educação Física IV. Tem a seu cargo as instalações desportivas da AM/Sede e do Aquartelamento da Academia Militar na Amadora (AqAMA) sendo responsável pelas respectivas utilizações.
- b. A Educação Física (I, II, III e IV), UC anual, compreende:
 - 1) Treino Físico de Base (TFB);
 - 2) Treino Físico de Aplicação Militar (TFAM);

2. OBJECTIVOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA (EF)

- a. A Formação de EF, a ministrar aos Alunos da Academia Militar (AM), tem como objectivos gerais os seguintes:
 - 1) Desenvolver as componentes condicionais e coordenativas;
 - 2) Aplicar um conjunto de exercícios como meio prioritário e operacional de preparação dos alunos, consubstanciando as adaptações físicas, técnicas, táticas, psicológicas e sociológicas, fundamentais para a consecução dum elevado desempenho das tarefas e funções militares;
 - 3) Criar hábitos saudáveis e estilos de vida activa, desenvolvendo o gosto pela prática física e desportiva.
- b. Objectivos específicos do TFB
 - 1) Atingir, através de exercícios próprios, um nível cada vez mais elevado, resultante da adaptação dos alunos às condições que lhe são impostas pela avaliação física e provas desportivas. Pretende-se assim assegurar uma eficiência máxima, com um dispêndio mínimo de energia e uma recuperação rápida como resposta ao esforço;
 - 2) Desenvolver o VO_2 máx. como o pré-requisito mais importante de todo o treino, de forma a obter uma boa base aeróbia para, posteriormente, treinar especificamente os outros metabolismos;

- 3) Desenvolver a força de resistência de forma a permitir realizar esforços de força em actividade de média e longa duração, resistindo à fadiga e mantendo o funcionamento muscular em níveis elevados;
- 4) Desenvolver a coordenação motora, a velocidade de reacção e de execução, o controlo espacial e o equilíbrio;
- 5) Desenvolver o controlo respiratório e as técnicas padrão de deslocação em meio aquático;
- 6) Desenvolver nos alunos a leitura táctica, a entreajuda e a cooperação como elementos de uma equipa.

c. Objectivos específicos do TFAM

- 1) Aplicar a repetição lógica, sistemática e organizada dos diversos exercícios que determinam a linha de orientação e a profundidade das adaptações dos alunos à especificidade do desempenho militar, expresso na prestação das capacidades motoras (força, velocidade, resistência e flexibilidade), capacidades técnicas (saltar, transpor, correr e nadar equipado, conhecimentos equestres, etc.), e capacidades psicológicas (atenção, concentração, abnegação, emoção, espírito de sacrifício, à vontade e autoconfiança com os solípedes, etc.);
- 2) Desenvolver a destreza e as técnicas de transposição de obstáculos;
- 3) Desenvolver e consolidar os princípios orientadores da colocação em sela;
- 4) Desenvolver as técnicas de deslocação em meio aquático equipado;
- 5) Desenvolver técnicas específicas de defesa pessoal.

3. PROGRAMA

A EF dispõe de um programa curricular e carga horária

A formação é ministrada privilegiando a execução correcta dos movimentos incluídos nas diversificadas tarefas que a integram, procurando-se uma aprendizagem consciente e participada, através do conhecimento permanente dos objectivos de habilitação a atingir e das técnicas pedagógicas que permitem o desenvolvimento das capacidades motoras, permitindo um eficiente aproveitamento do tempo disponível.

A formação tem um suporte essencialmente prático, sendo os conhecimentos teóricos transmitidos ao longo das sessões de formação práticas.

4. AVALIAÇÃO

- 1) As classificações a atribuir integram-se na classificação do grupo II, referida no Regulamento de Frequências, Classificação e Exames, e abrangem todas as sub disciplinas de formação.
- 2) Os alunos realizam a avaliação no final dos semestres em conformidade com o Plano Anual de Actividades;
- 3) Os alunos que obtenham classificação menor ou igual a 9,44 (nove vírgula quarenta e quatro) valores no final de cada ano lectivo, são submetidos a exame na época correspondente;
- 4) Os alunos sujeitos a exame de época normal ou de recurso realizam todas as provas correspondentes a cada um dos grupos (TFB e/ou TFAM);
- 5) Os alunos que forem autorizados a realizar exame de recurso para melhoria de classificação, executam todas as provas correspondentes à UC desse ano (TFB e TFAM);

- 6) Os alunos que por incapacidade física justificada não executem as provas físicas do 1º e do 2º semestre nas datas programadas, aplica-se o mesmo que em 3, em conformidade com o parecer elaborado pelo GDEFD, após coordenação com o Serviço de Saúde;
- 7) Aos alunos que não realizarem as provas no decorrer do ano lectivo por incapacidade física, aplica-se o Despacho Nº 24/2004 do Exmo. Tenente General Comandante da Academia Militar, publicado na Ordem de Serviço Nº 200, de 21OUT04, da AM;
- 8) Aos alunos que se encontrem na situação de repetentes e que tenham obtido classificação positiva no ano anterior, aplica-se o Despacho Nº 22/GC/04 do Exmo. TGEN CMDT da AM;
- 9) As bonificações são propostas pelos oficiais responsáveis pelas diferentes modalidades desportivas ministradas como actividade circum-escolar aos alunos pertencentes às selecções, podendo oscilar de 1 a 2 valores a adicionar à classificação final, cabendo ao GDEFD essa atribuição. Aos alunos que obtiverem classificação anual negativa, em TFG e/ou TFAM, não lhes será atribuída qualquer bonificação;
- 10) Os alunos poderão, durante um período de cinco (5) dias úteis, a partir do dia em que for dado conhecimento das classificações, proceder a qualquer reclamação ou solicitação de correcção das classificações que lhes dizem respeito.

a. CLASSIFICAÇÕES

A avaliação é traduzida para a nota classificativa correspondente em:

- 1) Informação, com registo qualitativo, no final do 1º semestre:
 - a) Muito Bom: 18 a 20 Valores;
 - b) Bom: 14 a 17,9 Valores;
 - c) Regular: 12 a 13,9 Valores;
 - d) Suficiente: 9,5 a 11,9 Valores;
 - e) Insuficiente: Menos de 9,5 Valores.
- 2) Classificação final, quantitativa, no final do ano lectivo.

b. Fórmulas das classificações**1) 1º ANO****1) TFB**

| Semestre | Disciplinas | Fórmulas | Avaliação |
|----------|--|---|------------|
| 1º | $PFG = (Ext + Abd + 80m + Coop)/4$ | $TFB = PFG$ (Informativa) | Intercalar |
| 2º | $PFG = (Flex + Abd + 80m + Coop)/4$ Ginástica (anual) | $TFB = (PFG \text{ 1º Semestre (S)} + PFG \text{ 2º S} + \text{Ginástica})/3$ | Final |

(b) TFAM

| Semestre | Disciplinas | Fórmulas | Avaliação |
|----------|--|---|------------|
| 1º | GAM = Pista molhada s/ arma | $TFAM = GAM$ (Informativa) | Intercalar |
| 2º | GAM = Pista 200m s/ arma Esgrima (anual) Equitação (anual) | $TFAM = (2*(GAM \text{ 1º S} + GAM \text{ 2º S}) + \text{Esgrima})/3$ $TFAM = (2*(GAM \text{ 1º S} + GAM \text{ 2º S}) + \text{Esgrima} + \text{Equitação})/4$ (#) | Final |

(#) - Exe/Eng, Exe/ADM, Exe/Saúde, GNR/ Eng, GNR/ADM e GNR/Saúde.

2) 2º ANO**(a) TFB**

| Semestre | Disciplinas | Fórmulas | Avaliação |
|----------|---|--|------------|
| 1º | $PFG = (Ext + Abd + 80m + Coop)/4$ | $TFB = PFG$ (Informativa) | Intercalar |
| 2º | $PFG = (Flex + Abd + 80m + Coop)/4$ Desportos Colectivos (anual) | $TFB = (3* ((PFG \text{ 1º S} + PFG \text{ 2º S})/2) + \text{Desp Col})/4$ | Final |

(b) TFAM

| Semestre | Disciplinas | Fórmulas | Avaliação |
|----------|--|--|------------|
| 1º | GAM = Pista molhada c/ arma | $TFAM = GAM$ (Informativa) | Intercalar |
| 2º | GAM = Pista 200m c/ arma Judo (anual) | $TFAM = (3*((GAM \text{ 1º} + GAM \text{ 2º})/2) + \text{Judo})/4$ | Final |

3) 3º ANO**(a) TFB**

| Semestre | Disciplinas | Fórmulas | Avaliação |
|----------|-------------------------------|---|------------|
| 1º | $PFG = (Ext + Abd + Coop)/3$ | $TFB = PFG$ (Informativa) | Intercalar |
| 2º | $PFG = (Flex + Abd + Coop)/3$ | $TFB = (PFG\ 1^\circ S + PFG\ 2^\circ S)/2$ | Final |

(b) TFAM

| Semestre | Disciplinas | Fórmulas | Avaliação |
|----------|-------------------------------------|--|------------|
| 1º | GAM = Marcor c/ arma | TFAM = GAM (Informativa) | Intercalar |
| 2º | GAM = Pista 500m s/ arma | TFAM = (3*((GAM 1º + GAM2º)/2) + CCC + Boxe)/5 | Final |
| | Combate Corpo a Corpo (CCC) (Anual) | | |
| | Boxe (anual) | TFAM = (3*((GAM 1º + GAM2º)/2) + CCC + Boxe + Equitação)/6 (#) | |
| | Equitação (anual) | | |

(#) - Exe/Armas e GNR/Armas.

4) 4º ANO**(a) TFB**

| Semestre | Disciplinas | Fórmulas | Avaliação |
|----------|-------------------------------|---|------------|
| 1º | $PFG = (Ext + Abd + Coop)/3$ | $TFB = PFG$ (Informativa) | Intercalar |
| 2º | $PFG = (Flex + Abd + Coop)/3$ | $TFB = (3*((PFG\ 1^\circ S + PFG\ 2^\circ S)/2) + Nat)/4$ | Final |

(b) TFAM

| Semestre | Disciplinas | Fórmulas | Avaliação |
|----------|--|--|------------|
| 1º | GAM = Triatlo AM | TFAM = GAM (Informativa) | Intercalar |
| 2º | GAM = Triatlo AM | $TFAM = (GAM + CCC + Natação Militar) /3$ $TFAM = (GAM + CCC + Natação Militar)/3$ (#) $TFAM = (GAM + CCC + Eq)/3$ (*) | Final |
| | Natação Militar (anual) | | |
| | CCC (anual) | | |
| | Equitação (anual, tem UC própria (F311)) | | |

(#) - Exe/Cav,

(*) - GNR/Cav.